



Revisão Sistemática do ciclo vital da família

Ana Rita Rodrigues Martins

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção de Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de Psicoterapia Psicodinâmica

Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira

Coimbra, 2018

Agradecimentos

Não é justo fazer agradecimentos detalhados, onde diferencie umas pessoas de outras. Por vezes foram os pequenos detalhes que me ajudaram ou inspiraram. Um obrigada gigante a todos.

Resumo

Objetivo: Revisão sistemática do conceitos de Ciclo Vital da Família, identificando os diversos modelos teóricos, assim como a sua pertinência e limitações do ponto de vista teórico e clínico.

Metodologia: Foi realizada uma revisão de literatura recorrendo à base de dados JSTOR e à biblioteca do Instituto Superior Miguel Torga. A pesquisa foi realizada no ano de 2017 entre os meses de janeiro e junho. A pesquisa integrou trabalhos publicados entre o ano de 1930 até ao ano de 2017. Os descritores para a pesquisa foram “*family life cycle*”. Foram selecionados 82 artigos numa primeira fase e depois de refinada a análise a amostra final integrou 45 artigos e 3 livros referentes ao conceito.

Resultados e conclusões: Os 44 artigos e 3 livros foram agrupados de acordo com os seguintes temas: modelos de CV da família nuclear intacta (13 artigos) modelos de CVF provenientes da prática clínica (2 artigos e 3 livros), modelos de CV de outras formas de família (1 artigo), modelos de CVF de outros países (9 artigos), modelos desenvolvimentais alternativos ao CVF (2 artigos) e discussão dos resultados (19 artigos). O conceito de CVF é útil para a compreensão das famílias, sobretudo em contexto clínico. Permite traçar trajetórias sobre as fases e pontos críticos que comumente as famílias atravessam, apresenta uma visão desenvolvimental que integra o indivíduo, a família e as relações entre estes e o contexto ecológico e inclui a perspectiva transgeracional do desenvolvimento dos seus elementos ao longo das fases. Apresenta algumas limitações: o conceito de CVF foi desenvolvido tendo em conta a família nuclear intacta (maioria de classe média branca dos EUA); os modelos não se aplicam à diversidade de formas de família existentes e que foram emergindo ao longo do tempo; a definição de família e as etapas e tarefas do CVF são culturalmente pontuadas; os modelos atuais de CVF baseiam-se na prática clínica e não existem estudos que analisem o percurso das famílias que não recorrem à terapia/ famílias comuns.

Palavras-chave: ciclo vital da família, etapas, desenvolvimento familiar, mudança.

Abstract

Objective: A systematic review of the concepts of the Family Life Cycle, identifying the different theoretical models, as well as their pertinence and limitations from a theoretical and clinical point of view.

Methodology: A literature review was carried out using the JSTOR database and the Instituto Superior Miguel Torga library. The survey was conducted in the year 2017 between the months of January and June. The research included papers published between the year 1930 and the year 2017. The descriptors for the research were "family life cycle". In a first phase 82 articles were selected and after refining the analysis the final sample included 45 articles and 3 books referring to the concept.

Results and conclusions: The 44 articles and 3 books were grouped according to the following themes: FLC models of the intact nuclear family (13 articles) FLC models from clinical practice (2 articles and 3 books), FLC models about other types of family (1 article), FLC models in other countries (9 articles), alternative developmental models to the FLC (2 articles) and discussion of results (19 articles). The concept of FLC is useful for the understanding of families, especially in a clinical context.. It allows tracing trajectories about the stages and critical points that families pass through, presenting a developmental view that integrates the individual, the family and the relationships between them and the ecological context, and including a transgenerational perspective of the development of its elements throughout the stages. It presents some limitations: the concept of FLC was developed taking into account the intact nuclear family (majority of USA white middle class), the models do not apply to the diversity of existing types of family that have emerged over time, the definition of family and the FLC's stages and tasks are culturally punctuated; the current FLC models are based on clinical practice and there are no studies that analyze the course of families that don't do therapy / regular families.

Key words: family life cycle, stages, family development, change.

Introdução

O conceito de ciclo vital da família (CVF) tem sido estudado pelas ciências sociais e humanas. Surge a partir do quadro conceptual do Desenvolvimento Familiar, onde o desenvolvimento das famílias é pautado por fases, como acontece no desenvolvimento dos indivíduos (Elder, 1977; Hill, 1964,1986; Murphy & Staples, 1979).

As teorias sobre desenvolvimento familiar – CVF- vieram enfatizar a dimensão tempo, que previamente tinha sido negligenciada, aquando da primeira Cibernética, por se considerar que a família era um sistema autorregulado e, por isso, repetitivo no seu funcionamento, o que retirou à história de vida da família importância na compreensão do seu funcionamento, evolução e ajustamento ao longo do tempo (Hill, 1964).

Estas teorias foram buscar conceitos a diversas áreas. Da Sociologia Rural emerge o conceito de ciclo de vida familiar. Da Psicologia Desenvolvimental, surgiram os conceitos de tarefas e necessidades desenvolvimentais. A Sociologia do Trabalho trouxe a noção de carreira familiar- série sequencial de papéis que se vão modificando ao longo da evolução da família. A Psicologia da Família, em particular a Escola Estrutural de Salvador Minuchin trouxe os conceitos de posição, papel e normas na família e entre os vários subsistemas que a constituem e também a forma como se estruturam em padrões e papéis de acordo com o sexo e a idade. Estes conceitos formaram um quadro referencial que permitiu uma generalização sobre o desenvolvimento interno das famílias, desde a sua formação com o noivado e o casamento, até à sua dissolução pelo divórcio ou morte de um dos cônjuges (Elder, 1977; Hill, 1986; Murphy & Staples, 1979; Rodgers, 1964a).

O primeiro trabalho conhecido que abordou o conceito de CVF foi elaborado pelo sociólogo inglês Seebom Rowntree. Em 1906 o autor publicou um trabalho no qual o CVF era utilizado como variável de estudo sobre a pobreza (Elder, 1977; Hill, 1986; Murphy & Staples, 1979; Rodgers, 1964a).

Após o trabalho de Rowntree, só na década de 30 o conceito voltou a ser utilizado nas áreas da sociologia e do marketing, com o estudo do comportamento de consumo das famílias americanas, tendo em conta a fase do CVF na qual estas se encontravam (Hill, 1986; Murphy & Staples, 1979; Rodgers, 1964a).

Este trabalho de revisão sistemática tem como objetivo analisar os conceitos de Ciclo Vital da Família apresentados desde a sua emergência até à atualidade, suas definições, modelos teóricos, pertinência e limitações para o estudo e descrição da família ao longo do tempo e na atualidade, do ponto de vista teórico e de utilidade clínica.

Metodologia

O presente trabalho consiste numa revisão sistemática dos trabalhos sobre ciclo vital da família. A revisão sistemática é uma forma de pesquisa que utiliza métodos de pesquisa explícitos e rigorosos para realizar uma apreciação crítica e uma síntese da informação selecionada. Ao apresentar um resumo de todos os estudos referentes a um dado tema, providencia uma orientação para a crítica da utilidade dos estudos e para novas investigações (Aveyard, 2014; Sampaio & Mancini, 2007).

Seguiu-se o protocolo estabelecido pela organização Cochrane, o qual organiza a investigação em sete etapas: 1) Pergunta de investigação; 2) Pesquisa da literatura; 3) Seleção e avaliação crítica dos estudos; 4) Análise e recolha dos dados; 5) Apresentação e análise dos dados recolhidos; 6) Resumo crítico elaborado a partir da síntese dos resultados; 7) Aprimoramento e atualização da revisão (Higgins & Green, 2011).

Procedimentos

A base de dados escolhida foi a JSTOR. Fez-se uma pesquisa entre janeiro e junho de 2017 sobre artigos que abordassem o ciclo vital da família nuclear intacta e de outras formas de família. A pesquisa integrou trabalhos publicados entre o ano de 1930 até o ano de 2017.

As palavras-chave utilizadas foram –“*family life cycle*”-, conjugando os três termos, e para tornar a pesquisa mais sensível refinaram-se os resultados utilizando os seguintes temas: *development studies*, *psychology*, e *sociology*. Para serem incluídos na revisão sistemática, os artigos tinham de ter no corpo do texto as palavras *family life cycle* ou *family development* e de apresentarem um ou mais modelos de CVF, ou incluir uma reflexão crítica sobre a utilização do conceito. Os artigos que apresentavam modelos de CVF deviam ser fontes primárias, a menos que abordassem a evolução ou utilidade do conceito.

Na base de dados só foram pesquisados artigos e estes foram apresentados cronologicamente, por ordem crescente. A primeira pesquisa apresentou um total de 77 artigos. De seguida foi feita uma nova pesquisa com as mesmas palavras-chave e descritores, mas ordenando os artigos por ordem decrescente, de forma a perceber se existiam artigos mais recentes sobre o conceito de CVF.

De um total de 82 artigos, foram selecionados 44 para integrar a revisão sistemática.

Foi ainda realizada uma pesquisa bibliográfica na biblioteca do Instituto Superior Miguel Torga, de forma a encontrar livros que mostrassem modelos de CVF utilizados em Portugal. As palavras-chave utilizadas na pesquisa foram “ciclo vital da família” e “*family life cycle*”, resultando num total de três livros. Os três foram utilizados para efetuar esta síntese sistemática.

Resultados

Os 44 artigos e 3 livros foram agrupados de acordo com os seguintes temas: modelos de CV da família nuclear intacta (13 artigos), modelos de CVF provenientes da prática clínica (2 artigos e 3 livros), modelos de CV de outras formas de família (1 artigo), modelos de CVF de outros países (9 artigos), modelos desenvolvimentais alternativos ao CVF (2 artigos), discussão de resultados (19 artigos). Tendo em conta a dimensão dos quadros de síntese dos artigos, os mesmos foram colocados em anexo.

Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Ao longo do tempo foram desenvolvidos vários modelos de CVF, podendo demarcar-se três eras distintas: a era da fundação, a era da expansão e a era de refinamento (Murphy & Staples, 1979).

Na primeira era- fundação- foi apresentado pelos sociólogos Sorokin, Zimmerman e Galpin, em 1931 nos E.U.A., o primeiro modelo de CVF. O desenvolvimento das famílias americanas era marcado por quatro fases relacionadas com mudanças nos membros da constelação familiar: 1- Casal recém-casado no início da sua independência financeira; 2- Casal com filhos; 3- Casal com pelo menos um dos filhos economicamente independente; 4- Casal em envelhecimento (Sorokin, Zimmerman & Galpin, 1931 cit. in Murphy & Staples, 1979).

Em 1934, Kirkpatrick, Cowles e Though desenvolveram outro modelo de quatro fases, nos quais o CV das famílias americanas é marcado pela posição do filho mais velho do casal no sistema educativo (pré-escola, escola, liceu e adulto independente): 1- Família em idade pré-escolar; 2- Família em idade escolar; 3- Família na idade do liceu; 4- Família adulta (Kirkpatrick, Cowles & Though, 1934 cit. in Murphy & Staples, 1979).

Desta era faz ainda parte o modelo criado por Lomis em 1936, com 4 fases de acordo com a idade do filho mais velho do casal: 1- Casal sem filhos, no período da maternidade; 2- Casal com filhos (filho mais velho com menos de 14 anos); 3- Casal com filho mais velho entre os 14 e os 36 anos; 4- Família envelhecida (Lomis, 1936 cit. in Murphy & Staples, 1979).

Ao longo da 2ª era - expansão do conceito de CVF - o número de fases aumentou. Em 1942, o professor de economia Howard F. Bigelow estabeleceu um modelo de CVF constituído por 7 fases definidas pelo filho mais velho do casal, mais especificamente a sua etapa escolar, no qual comparava o consumo da família de acordo com a etapa de CV na qual se encontrava: 1- Estabelecimento; 2- Período de maternidade e pré-escolar, 3- Período escolar; 4- Período do ensino secundário; 5- Período universitário; 6- Período de recuperação; 7- Período da reforma (Bigelow, 1942, cit. in Murpy & Staples, 1979).

O sociólogo americano Paul Glick também apresentou um modelo de 7 fases, a partir dos dados obtidos pelos censos nacionais entre 1890 e 1940. Segundo o autor, as famílias passam por uma série de fases desde que se formam, através do casamento, até que se dissolvem com a morte dos cônjuges. A família típica inicia-se no casamento e o número de elementos que a constituem começa a aumentar com o nascimento dos filhos. Desde o nascimento do primeiro filho até à saída de casa do filho mais novo, o tamanho da família mantém-se estável. À medida que os filhos saem de casa (por irem constituir a sua própria família ou irem à procura de emprego), o tamanho da família tende novamente para os dois elementos. Este modelo analisa as idades e o número de elementos da família (dados demográficos) e divide o desenvolvimento familiar da seguinte forma: 1- Casamento; 2- Nascimento do primeiro filho; 3- Nascimento do segundo filho; 4- Saída de casa do filho mais velho; 5- Saída de casa do filho mais novo; 6- Morte de um dos cônjuges (habitualmente o marido); 7- Morte do outro cônjuge (Glick, 1947; Hill, 1986; Murphy & Staples, 1979).

Posteriormente o autor adaptou o modelo, reduzindo-o para 6 fases por considerar que a família terminava com a morte de um dos cônjuges (Glick, 1977).

O modelo surgiu no período pós II Guerra Mundial e as fases foram demarcadas pela análise estatística de dados demográficos tais como idade, estado civil e estatuto de emprego dos membros da família. A família branca de classe média era considerada representativa da maioria das famílias americanas, daí os estudos incidirem sobre este modelo de família. Esta família era tipicamente constituída pelo casal e dois filhos, e o filho mais velho era o primeiro a sair de casa para ir estudar (na universidade) ou constituir a sua própria família (Aldous, 1990; Glick, 1947; Glick, 1955).

Na conferência nacional sobre vida familiar, que decorreu em 1948 nos E.U.A., os sociólogos americanos Evelyn Duvall e Reuben Hill apresentam um modelo de CVF constituído por 6 etapas, no qual surge, pela primeira vez, a integração de mudança na composição familiar e as tarefas desenvolvimentais (Frank, 1948; Rodgers, 1964a).

Os autores fizeram uma correspondência entre as fases do CVF e as tarefas desenvolvimentais de cada fase (Aldous, 1990; Duvall & Kerckhoff, 1958; Hill, 1964; Hill, 1986).

A família é vista como um sistema semifechado, composto por pessoas que interagem entre si e que se relacionam com outros sistemas sociais. Esta abordagem desenvolvimental perspectiva a família como um sistema grupal pequeno, com uma história natural previsível designada por fases (Duvall & Kerckhoff, 1958; Hill, 1964; Hill, 1986; Rodgers, 1964a; Solomon, 1973).

Organiza-se internamente pelas posições e papeis assumidas pelos seus elementos: marido-pai, esposa-mãe e filha(o)-irmã(o) e complexifica-se à medida que entram novos membros na família. O número de relações interpessoais atinge o seu ponto máximo quando o(s) filho(s) atingir(em) a maioridade, casar(em) e arranjar(em) emprego. A partir daí, haverá uma contração no tamanho da família, que tenderá, novamente, para a díade casal. À medida que se altera a composição da família, modificam-se os papéis e as interações entre eles (Hill, 1964).

As normas familiares enquadram o comportamento numa dessas posições, especificamente na forma como as relações devem ser mantidas e como os papéis se alteram de acordo com a mudança de idade dos seus ocupantes (Duvall & Kerckhoff, 1958; Hill, 1964; Hill, 1986).

A família forma-se no casamento, no estabelecimento do recém casal. Eles desenvolvem-se rapidamente enquanto marido e mulher e assumem as funções adicionais de pai e, com o nascimento do primeiro filho. Com o nascimento de outros filhos, os membros da família ampliam os seus papéis para incluir as novas crianças enquanto indivíduos e membros do crescente grupo familiar. Cada adição na família traz não só um aumento no número de elementos, mas também uma reorganização da vida familiar de tal modo os irmãos “não são criados na mesma família” (Duvall & Kerckhoff; Framo, 1994; Hill, 1986).

À medida que os filhos envelhecem, também envelhecem os seus pais, mudando-se os seus desejos, necessidades, expectativas, esperanças, e as suas respostas às demandas das crianças em crescimento. Simultaneamente, os filhos estão progressivamente a mudar a sua relação com os pais, irmãos, irmãs e outros familiares. As famílias amadurecem à medida que as suas crianças crescem, desde a infância até à adolescência e finalmente até que estas têm casa própria e constituem a sua família. A família que uma vez se expandiu para acomodar as exigências das crianças em crescimento, mais tarde terá de se contrair, à medida que se liberta dessas crianças enquanto jovens adultos. Os anos de maior agitação familiar cedem

aos anos lentos do “ninho vazio”, quando os pais enfrentam a última metade do seu casamento juntos, como um par. Com o prolongamento do tempo médio de vida, estes anos apresentam novos problemas e oportunidades (Duvall & Kerckhoff, 1958; Hill, 1986).

Normalmente, uma família desenvolve-se através de uma sequência previsível de fases que se seguem umas às outras numa progressão confiável (Duvall & Kerckhoff, 1958). As fases são vistas como períodos nos quais existe um equilíbrio relativo, nos quais há consenso nas funções, regras e tarefas de cada elemento. Devido à alteração das necessidades, competências e exigências que a família experiencia com a mudança de fases, a família tem de se reajustar e de reorganizar os seus papéis (Hill, 1986).

Segundo Duvall, as fases do CVF podem ser definidas pela combinação de 4 fatores: 1) o número de pessoas na família; 2) a idade do filho mais velho do casal; 3) a posição escolar do filho mais velho; 4) as funções e o estatuto das famílias antes das crianças nascerem e após estas saírem de casa. Este modelo tem em conta as mudanças na categoria etária do filho mais velho enquanto marcador do início de uma nova fase, uma vez que as mudanças das experiências do filho mais velho afetam os restantes membros da família (Duvall & Kerckhoff, 1958). Ocorre uma mudança de fase cada vez que há uma rutura no complexo de posições familiares e nos papéis dessas posições (Hill, 1986).

As fases propostas por este modelo são: 1- Família no início do casamento; 2- Família no período de maternidade; 3- Família na fase pré-escolar; 4- Família com adolescentes; 5- Família como centro de lançamento; 6- Família em envelhecimento (Frank, 1948).

Posteriormente, Duvall adaptou o modelo para 8 fases: 1- Fase de estabelecimento (recém-casados sem filhos); 2 - Início da parentalidade (família com uma criança com um máximo de 3 anos); 3- Família com crianças em idade pré-escolar (filho mais velho tem de 3 a 6 anos de idade); 4- Família com crianças em idade escolar (filho mais velho tem entre 6 e 12 anos); 5- Família com adolescentes (filho mais velho tem entre 13 a 20 anos); 6- Família como centro de lançamento (período desde a saída de casa do filho mais velho, até à saída do mais novo); 7- Família na meia-idade (período de “ninho vazio”); 8- Família em envelhecimento (período desde a reforma do(s) assalariado(s) da família até à morte de um/ambos os cônjuges) (Duvall & Hill, 1948 cit. in Hill, 1964; Duvall & Kerckhoff, 1958; Hill, 1986; Murphy & Staples, 1979; Trost, 1974).

Hill apresentou uma pequena variação a este modelo, ao dividir a sexta fase em duas (6- Família com jovens adultos; 7- família como centro de lançamento), aumentando para nove o número total de fases (Hill, 1964).

Cada família desenvolve-se ao longo dos anos na sua maneira particular. Tal como os indivíduos nascem, crescem, amadurecem e envelhecem passando por sucessivas mudanças, também as famílias vivem os seus ciclos de vida de maneira idiossincrática (Duvall & Kerckhoff, 1958; Hill, 1986).

Algumas famílias fazem transições suaves entre as fases, porém outras fazem transições mais abruptas. Rapoport e Hill apontam as quatro transições abruptas mais significativas no desenvolvimento familiar: 1) a crise do casamento; 2) a crise do nascimento do primeiro filho; 3) a crise do lançamento (saída de casa) dos filhos e 4) a crise da reforma e de ter de deixar a liderança na comunidade (Rapoport, 1963).

Hill (1986) achou importante introduzir uma quinta crise, entre a 2ª e a 3ª crise apresentadas por Rapoport- a crise da diminuição da parentalidade.

Com base nas fases propostas por Duvall e Hill e pelas crises normativas propostas por Rapoport, Rodgers e Hill apresentaram um modelo constituído por 6 fases e 7 tarefas desenvolvimentais: 1- Estabelecimento: o casal tem de se ajustar como par conjugal; 2- Família no período de maternidade e na idade pré-escolar: a unidade familiar tem de se reorganizar em torno das necessidades das crianças; 3- Família em idade escolar: reorganização familiar no sentido do ajustamento ao mundo expansivo da escola; 4- Adolescência: os laços familiares são afrouxados para permitir uma maior liberdade e responsabilização dos seus elementos. No período de transição do lançamento dos filhos: a família reorganiza-se tornando-se mais igualitária na hierarquia e permitindo a saída e o regresso temporário dos seus elementos; 5- Fase pós parental: reorganização em torno do par conjugal e afastamento dos filhos que já saíram de casa; 6- Fase da reforma até à dissolução da família: o casal distancia-se do trabalho e envolve-se em novas atividades. O fim desta carreira familiar (conceito introduzido por Rodgers) termina com a morte de um dos cônjuges (Hill & Rodgers, 1964 cit. in Hill, 1986).

Hill e Rodgers consideravam que cada uma das fases pode ser vista em três dimensões: 1) a alteração das tarefas desenvolvimentais e dos papéis relativamente aos filhos, à medida que eles crescem; 2) a alteração das tarefas desenvolvimentais e dos papéis dos pais como provedores, donas-de-casa, cônjuges e pais; 3) e a alteração das tarefas desenvolvimentais da família enquanto tal, que correspondem aos requisitos desenvolvimentais pessoais de cada elemento (Hill, 1961, cit. in Hill, 1964).

Na década de 60, ocorreu a terceira era do modelo de CVF denominada de “era de refinamento”, caracterizada pela refinação dos modelos previamente existentes (Murphy &

Staples, 1979). O modelo mais completo foi apresentado pelo sociólogo canadense Roy Rodgers, em 1962.

O autor definiu 24 fases de CVF que têm em conta a idade do filho mais velho, a idade dos restantes filhos e os anos de casamento: 1- Família no início; 2- Família com crianças (todas com menos de 36 meses de idade); 3- Família pré-escolar: a) com crianças pequenas (mais velho 3-6 anos, mais novo - de 36 meses), b) todos os filhos entre os 3 e os 6 anos; entre os 6-13 anos; 4- Família em idade escolar: a) com crianças pequenas, b) com crianças na pré-escola (+ velho 6- 13 anos, + novo 3- 6 anos), c) todos os filhos entre os 6- 13 anos; 5- Família adolescente: a) com crianças pequenas, b) com crianças na pré-escola, c) com crianças em idade escolar, d) todos os filhos entre os 13 e os 20 anos; 6- Família com jovens adultos: a) com crianças pequenas, b) com crianças em idade pré-escolar, c) com crianças em idade escolar, d) com adolescentes, e) com filhos adultos (todos + de 20 anos); 7- Famílias em lançamento: a) com crianças pequenas, b) com crianças em idade pré-escolar, c) com crianças em idade escolar, d) com adolescentes, e) com jovens adultos (primeiro filho já saiu de casa; o + novo tem mais de 20 anos); 8- Família na meia-idade (período desde a saída de casa de todos os filhos, até à reforma do assalariado da família); 9- Casal em envelhecimento (período desde a reforma do assalariado, até à morte de um dos cônjuges); 10- Viuvez (período desde a morte de um dos cônjuges, até à morte do sobrevivente) (Rodgers, 1964a, 1966).

Para Rodgers (1964b), os membros da família estão de tal modo interligados, que só faz sentido analisar as mudanças dinâmicas que se dão na família nuclear desde que esta se forma, até que se dissolve com a morte, separação ou divórcio.

A família consiste num sistema de posições em inter-relação baseadas nas funções dos papéis existentes dentro do sistema, tal como são definidos pelas normas da família e da sociedade. Uma vez que as funções de cada papel dentro do sistema familiar se alteram com o tempo, Rodgers introduz o conceito de carreira familiar para explicar o desenvolvimento familiar (Rodgers, 1964a).

Em 1966, o professor de psicologia americano Wells e o seu colega Gubar propuseram um modelo de CVF constituído por 9 fases definidas pela idade e pelo estatuto de emprego dos elementos da família: 1- Fase de solteiro (pessoas jovens solteiras que já não vivem com os pais); 2- Fase de recém-casados (casal sem filhos); 3- Fase de ninho completo I (o filho mais novo tem menos de 6 anos); 4- Fase de ninho completo II (o filho mais novo tem 6 anos ou mais); 5- Fase de ninho completo III (casal com filhos dependentes); 6- Fase de ninho vazio (nenhum dos filhos reside com os pais e o pai ainda exerce a sua profissão); 7- Fase de ninho

vazio II (o pai já está reformado); 8- Fase do sobrevivente solitário (geralmente a esposa, que ainda está viva e no ativo); 9- Fase do solitário (o sobrevivente encontra-se reformado) (Murphy & Staples, 1979; Wells & Gubar, 1966).

Modelos de CVF provenientes da prática clínica com famílias

Em 1973, o psiquiatra americano Michael A. Solomon apresentou um modelo desenvolvimental do sistema familiar semelhante ao modelo desenvolvimental individual proposto por Erik Erickson, para utilizar no contexto terapêutico na compreensão diagnóstica das famílias e no planejamento do seu tratamento. Este foi o primeiro modelo clínico sobre CVF e baseou-se nos dados que o autor recolhia da terapia com as famílias (Solomon, 1973).

Todas as famílias são propensas a experienciar alguma pressão e desorganização em cada uma das fases, e este esquema desenvolvimental pode ser útil para o terapeuta identificar o possível conflito familiar predominante pelo qual a família esteja a passar (Solomon, 1973).

Segundo Solomon (1973), existem 5 fases: 1- Casamento; 2- Nascimento do primeiro filho e início da maternidade; 3- Individuação dos membros da família; 4- Saída de casa por parte dos filhos; e 5- A integração da perda.

Na primeira fase a tarefa é dupla: os elementos do casal têm de renunciar à gratificação primária experienciada com as suas famílias de origem, e ambos investem na relação conjugal, a qual passa a ser a fonte primária de satisfação de necessidades e de gratificação, individual. Esta fase implica a construção e a implementação dos papéis masculino e feminino do casal, os quais provavelmente se irão manter ao longo do casamento. Estes alicerces são estabelecidos nos primeiros anos do casamento e requerem que o casal faça uma negociação entre exigências, compromisso e tolerância pelas diferenças individuais (Solomon, 1973).

Na segunda fase dá-se a primeira grande remodelação da família e a tarefa desenvolvimental é novamente dupla: o casal tem de solidificar e a sua relação e de começar a desenvolver os papéis de pai e mãe. Um dos riscos desta fase consiste no desinvestimento na conjugalidade em função dos novos papéis parentais (Solomon, 1973).

A terceira fase envolve o tempo decorrido desde a entrada na escola do filho mais velho, até à entrada na adolescência do filho mais novo. A tarefa desenvolvimental implica uma mudança de papéis de todos os membros da família. A família deve partir da satisfação das necessidades e gratificações associadas à dependência da criança em idade pré-escolar, para padrões parentais baseados numa relação semi-dependente. Deve facilitar a socialização da

criança no sentido da sua individuação/autonomia. Simultaneamente, este desenvolvimento deve ser sintónico com os desejos da criança para si mesma (Solomon, 1973).

A tarefa desenvolvimental da quarta fase implica a renúncia à natureza primária da gratificação, associada aos papéis de pais e filhos e à assunção de uma gratificação mais secundária por parte dos pais. Os elementos que tiverem saído de casa devem procurar a satisfação das suas necessidades no grupo de pares, onde poderá estar o futuro companheiro. Os pais devem modificar as suas exigências e expectativas, de modo a permitir que esta separação ocorra. Para que tudo isto se desenrole, é necessária uma relação conjugal estável com investimento na união do casal, à medida que cada filho sai de casa (Solomon, 1973).

Na última fase, a família volta a estar centrada no casal, observando-se um reinvestimento da relação conjugal para um nível realista das capacidades funcionais dos dois elementos. Ainda como tarefa desta fase encontra-se a necessidade de resolução da perda do funcionamento económico, físico e social que pode ser experienciada por um ou ambos os elementos do casal (Solomon, 1973).

Os terapeutas familiares americanos Laurence Barnhill e Dianne Longo achavam útil a utilização dos conceitos psicanalíticos de fixação e regressão adaptada a uma perspetiva familiar para compreender o desenvolvimento familiar. Segundo os autores, as famílias passam por conflitos em cada fase do seu ciclo vital e resolvem-nos com diferentes graus de sucesso. Esse sucesso nunca é total, uma vez que existe uma fixação parcial em questões não resolvidas em uma ou várias fases do seu ciclo vital (Barnhill & Longo, 1978).

Estes autores consideravam o modelo proposto por Duvall útil, clinicamente, tendo em conta que o mesmo tinha sido elaborado com base em trabalhos teóricos e empíricos. No entanto, davam mais ênfase às transições de uma fase para a seguinte, do que às fases propriamente ditas. Isto porque segundo eles, a maioria das famílias enfrenta as crises das transições de fases do ciclo vital, pelo que é útil ter o máximo de informação possível sobre elas. Além disso, essas transições são relevantes em diversos casos clínicos (a maioria das famílias está “presa” numa fase ou transição) e frequentemente interagem com os problemas que as famílias levam à consulta (Barnhill & Longo, 1978).

Quando a família não consegue efetuar mudanças, fica presa a padrões de funcionamento rígidos. Apenas quando a mudança ocorre é possível responder com sucesso a novos problemas que venham a surgir. Esta mudança pode resultar da intervenção externa (Camp, 1973, cit. in Barnhill & Longo, 1978).

Barnhill e Longo achavam que os terapeutas familiares devem trabalhar com o conceito de CVF de forma a identificarem as dificuldades atuais das famílias e os potenciais pontos de

fixação por resolver. Na sua teoria de crise, Caplan (cit. in Barnhill & Longo, 1978) conceptualizava a hipótese de que ao lidar com as questões não resolvidas no passado, assim como com as dificuldades atuais, a família pode evoluir. Por isso, é importante que o foco principal da terapia familiar incida sobre as dificuldades atuais, mas devendo prestar atenção aos pontos de fixação, alcançando um nível de funcionamento mais evoluído, tornando-se menos vulnerável a futuras fontes de *stress* (Barnhill & Longo, 1978).

Os autores adaptaram o modelo de Duvall para as seguintes fases: 1- Fundação (casal recém-casado, sem filhos); 2- Novos pais (crianças com menos de 3 anos); 3- Família em idade pré-escolar (criança entre os 3 e os 6 anos, com possíveis irmãos mais novos); 4- Família em idade escolar (criança entre os 6 e os 12 anos, com possíveis irmãos mais novos); 5- Família com adolescentes (filho mais velho entre os 12 e os 16 anos, com possíveis irmãos mais novos); 6- Família com jovens adultos (filho entre os 16 e os 20 anos, até à sua saída de casa); 7- Família como centro de lançamento (desde a saída de casa do filho mais velho, até à saída do mais novo); 8- Família na meia-idade (desde a saída de casa do filho último filho, até à reforma do pai); e 9- Família em envelhecimento (período após a reforma do progenitor) (Barnhill & Longo, 1978).

De acordo com as fases definidas, os princípios-chave dos pontos de transição entre fases seria (Barnhill & Longo, 1978):

Fases 0 e 1- Compromisso. Na transição para a 1ª fase incluíam-se o namoro, o casamento, a lua-de-mel e a preparação para a parentalidade. O principal processo do desenvolvimento familiar é a partida da família de origem e o desenvolvimento do compromisso de uma vida a longo termo com a nova família. Esse compromisso será negociável ao longo do tempo e poderá facilitar o aparecimento de fixações parciais (Solomon, 1973; Barnhill & Longo, 1978);

Fases 1 e 2- Desenvolvimento dos novos papéis parentais. Com o nascimento do primeiro filho, o casal tem de desenvolver novos papéis, os quais se irão interligar com outros que já tinham (papéis de marido-esposa, papéis de filho e de filha; etc.). Esta transição de papéis afeta não só os elementos da família nuclear (o casal), mas também elementos da família alargada, os quais irão ter novas funções desenvolvimentais associadas a novos papéis (ex. o papel de avós pode incluir a função de cuidadores do neto) (Rubenstein & Rocklin, 1973, cit. in Barnhill & Longo, 1978; Solomon, 1973);

Fases 2 e 3- Aceitar a nova personalidade. À medida que a criança amadurece, a família tem de permitir o desenvolvimento da sua personalidade, e de aceitar a dependência natural de um recém-nascido (Barnhill & Longo, 1978);

Fases 3 e 4- Apresentação da criança às instituições externas à família. À medida que a criança cresce, a família tem que estabelecer relações independentes com instituições tais como a escola, igreja, etc. A família precisa de lidar com o ajustamento individual e de ter em conta o feedback destes novos contextos (Signell, 1972, cit. in Barnhill & Longo, 1978);

Fases 4 e 5- Aceitação da adolescência. Com o início da puberdade e da adolescência, a família enfrenta várias transições de papéis e questões desenvolvimentais, que resultam na mudança nas relações familiares, no sentido do desenvolvimento da identidade pessoal e sexual do jovem e da sua integração na cultura do grupo de pares (Barnhill & Longo, 1978);

Fases 5 e 6 – Experimentar a independência. À medida que o filho mais velho entra no início da idade adulta, a família tem de lhe permitir a sua independência, o aumento da mobilidade, a experimentação sexual e a necessidade de criar planos de carreira que implicam uma diminuição gradual dos laços com a família (Barnhill & Longo, 1978);

Fases 6 e 7- Preparação para a saída. A aceitação do papel de adulto independente do filho mais velho requer várias transições de papéis e autonomia no sentido de criar a sua própria família. Esta transição pode sobrepor-se à transição que decorre da fase 0 para a 1 da geração seguinte (Barnhill & Longo, 1978);

Fases 7 e 8- Deixar partir o filho. O casal enfrenta-se novamente. Após vários anos a focarem-se na educação dos filhos, esta é uma transição importante para os pais deixarem o filho sair e enfrentarem-se como um casal novamente sozinhos. Adicionalmente é requerido o desenvolvimento dos novos papéis de avós (para os pais) e de pais (para os filhos) num novo arranjo de três gerações (Barnhill & Longo, 1978);

Fases 8 e 9- Aceitação da reforma e do envelhecimento. A reforma implica que o casal lide com novos papéis e estilo de vida, dos quais não fazem parte planos de carreira, objetivos ou responsabilidades. A família da segunda geração já está livre dos cuidados da primeira infância dos seus filhos e deve começar a planear o cuidado dos mais velhos e da geração mais nova (Barnhill & Longo, 1978).

Na década de 80 as psicoterapeutas familiares americanas Elisabeth Carter e Monica McGoldrick apresentaram um modelo de CVF multigeracional que tem em conta três (e por vezes quatro) gerações para estudar o desenvolvimento familiar. As autoras veem a família como um sistema que se move ao longo do tempo e no qual se incorporam novos membros através do nascimento, da adoção ou do casamento. Estes elementos só deixam de fazer parte da família quando morrem. A família tem diversos papéis e funções, mas o foco destas autoras está nos relacionamentos (Carter & McGoldrick, 2001).

Carter e McGoldrick (2001) desenvolveram um modelo que integra várias mudanças sociais: o papel das mulheres na sociedade, o aumento do número de divórcios, a diminuição da taxa de natalidade, entre outras. As mulheres sempre tiveram um papel central no funcionamento familiar e a alteração do seu papel teve um grande impacto nas mudanças do CV. Previamente, a identidade da mulher era determinada pelas suas funções materna e de esposa e as suas fase de ciclo de vida estavam relacionadas com a educação dos filhos. No passado as mulheres só saíam de casa dos pais quando se casavam e constituíam uma nova família.

Atualmente também constituem uma carreira e entram assim na primeira fase do CVF (jovem adulto que sai de casa dos pais), o que antes só era permitido aos homens. Também a última fase (famílias em fase tardia) se tornou maioritariamente feminina, visto a esperança média de vida das mulheres ser superior à dos homens (Carter & McGoldrick, 2001).

No caso dos homens, a variável que determinava a fase do CVF era a idade. Atualmente, estes indicadores já não funcionam para marcar as fases. Após a ocorrência de várias mudanças sociais ao longo dos últimos anos, tornou-se difícil definir um CVF “normal”, pois existem diversas variantes à família “nuclear tradicional intacta”. No entanto, as autoras consideram que estatisticamente continua a fazer sentido utilizar o modelo de família nuclear intacta, de classe média branca americana, para marcar as diferentes fases do ciclo vital da família (Carter & McGoldrick, 2001).

As fases do CVF propostas pelas autoras são: 1- Lançamento do jovem adulto; 2- União das famílias através do casamento; 3- Família com filhos pequenos; 4- Família com filhos adolescentes; 5- Família na meia-idade; 6- Família na fase tardia (Carter & McGoldrick, 2001).

Ao contrário do que acontece nos modelos sociológicos tradicionais, ao invés do CVF começar no namoro ou no casamento, neste modelo começa com a saída de casa dos pais. Nesta fase o jovem deve diferenciar-se da sua família de origem, desenvolver relações íntimas com outros adultos e ter um trabalho e independência financeira dos pais. É importante que nesta fase as relações com os pais se tornem menos hierárquicas e mais horizontais (Carter & McGoldrick, 2001).

A ocorrência do casamento, na segunda fase do CVF, vai implicar a alteração de dois sistemas familiares, os da família alargada dos cônjuges, e a criação de um terceiro constituído pelo casal. Esta fase obriga a um compromisso entre o par e o estabelecimento de limites claros entre o casal e as suas famílias de origem. Forma-se o subsistema conjugal,

ocorrem alterações na relação com os amigos e com a família alargada de modo a incluir os cônjuges (Carter & McGoldrick, 2001).

Na terceira fase é importante a aceitação dos novos membros no sistema familiar. Para tal, é necessário que o subsistema conjugal: crie espaço para o(s) filho(s), ajustar-se nas tarefas financeiras, domésticas e educativas dos filhos e realinhar os seus relacionamentos com a família alargada de modo a incluírem-se os papéis de pais e de avós (Carter & McGoldrick, 2001).

As autoras não estabelecem uma fase com crianças pequenas porque acham que as mudanças irão aumentar gradualmente até à adolescência. Nesta fase os limites familiares devem tornar-se mais permeáveis, no sentido de facilitar a independência dos filhos e a fragilidade dos avós. Estes limites devem permitir ao adolescente a aproximação e dependência da família, quando não consegue fazer as coisas sozinho, e o afastamento gradual com vista a uma maior independência. Nesta altura há um novo foco nas questões conjugais e profissionais do casal e este pode ter de começar a tomar conta dos próprios pais (Carter & McGoldrick, 2001).

Na quinta fase, a tarefa desenvolvimental mais importante da família é o lançamento dos filhos. Tal implica a aceitação de entradas e saídas no sistema familiar. Para que a família se continue a desenvolver saudavelmente, há renegociação no sistema conjugal, desenvolvimento de um relacionamento de adulto para adulto entre os pais e os filhos adultos, e inclusão dos parentes por afinidade e netos. Nesta fase o casal pode ainda ter de lidar com a doença ou com a morte dos seus pais (Carter & McGoldrick, 2001).

A principal tarefa familiar da sexta e última fase do CVF consiste na aceitação de novos papéis geracionais. O casal deverá manter interesses próprios, ainda que se vejam limitados pelo declínio físico. A geração do meio passará a ter um papel mais central, deverá preparar-se para a morte dos pais e para a própria morte. Nesta fase final do CVF ocorre uma revisão e integração da vida. As experiências da geração mais velha devem ser tidas em conta e respeitadas e as gerações mais novas deverão apoiá-la sem gerar dependência. A geração mais velha terá de lidar com a possibilidade da perda do cônjuge, de familiares e amigos. (Carter & McGoldrick, 2001).

Na década de 80, os psiquiatras e terapeutas familiares estruturais Salvador Minuchin e H. Charles Fishman apresentaram um novo modelo clínico do CVF. Enquanto um organismo vivo, a família encontra-se em mudanças constantes, tendendo para a conservação e para a evolução, desenvolve padrões de interação ao longo do tempo que constituem a sua estrutura

familiar. Esses padrões são importantes para o desempenho das tarefas, para o sentimento de pertença e para a individuação (Minuchin & Fishman, 1981).

Ao fazer-se um estudo longitudinal da família, conseguem encontrar-se períodos de desequilíbrio alternados com períodos homeostáticos, ou seja, incluir flutuações com períodos de crise e de resolução de problemas com períodos de manutenção dos padrões (Minuchin & Fishman, 1981).

Tendo em conta esta visão da família e do seu desenvolvimento progressivo por etapas de uma complexidade crescente, os autores propuseram um modelo de CVF constituído por 4 fases definidas de acordo com o crescimento das crianças da família: 1- Formação de casal; 2- Família com crianças pequenas; 3- Família com crianças em idade escolar ou adolescentes; 4- Família com filhos adultos (Minuchin & Fishman, 1981).

Na primeira fase desenvolve-se a estrutura do casal, surgindo o subsistema conjugal. É necessário o estabelecimento de fronteiras claras em relação às famílias de origem e aos outros sistemas, desenvolvendo-se novos padrões de relacionamento que permitam uma relação de casal íntima. O casal deve conciliar as suas expectativas e estilos e desenvolver a sua maneira própria de processar informação, de se relacionar e lidar com o afeto. Desenvolvem-se regras, hierarquias e padrões de cooperação. Cada elemento do casal deve perceber o outro, através de valores e de associações comuns, mantendo a sua individualidade e os seus próprios gostos (que podem até ser divergentes) (Minuchin & Fishman, 1981).

Uma das tarefas desenvolvimentais desta fase consiste em aprender a lidar com o conflito, desenvolvendo padrões viáveis para o expressar e resolver. Esta fase implica uma grande quantidade de troca de informação entre o casal e entre este e o contexto envolvente. Por vezes ocorre uma tensão entre as necessidades individuais dos elementos do casal e as necessidades do par conjugal. As regras que serviam para cada elemento separadamente têm de ser modificadas para o par conjugal. Com o tempo, o casal tenderá a estabilizar-se enquanto um sistema em equilíbrio (Minuchin & Fishman, 1981).

A segunda fase do CVF é marcada pelo nascimento do primeiro filho. O casal reorganiza-se para cumprir novas tarefas parentais, surgem novas regras e estabelece-se maior relação com outros sistemas como a família alargada, hospital, escola, etc... (Minuchin & Fishman, 1981).

Os pais estabelecem um controlo flexível adequado ao desenvolvimento da criança, para que esta sinta segurança e coragem para crescer. Nesta fase devem ser explorados novos padrões de relacionamento com todos os membros da família e, com o nascimento de outros

filhos, os padrões desenvolvidos com o primeiro filho devem ajustar-se, complexificando-se o mapa familiar e surgindo o subsistema fraternal (Minuchin & Fishman, 1981).

A terceira fase do CVF dá-se com a entrada dos filhos na escola, o que implica relacionamento com um novo sistema- a escola. Novos padrões emergem no sentido do cumprimento das tarefas escolares, horário de estudo, atividades escolares e extraescolares, ajustamentos em casa no espaço, tempos de lazer, dormir, etc..., tendo a família de aprender a gerir a avaliação escolar sobre a criança e sobre a família (Minuchin & Fishman, 1981).

À medida que a criança cresce, traz novos elementos para a interação com a família o que implica negociar algumas regras. Criam-se novas fronteiras entre pais e filhos que permitem o contacto e em simultâneo os libertam para experiências próprias autónomas (Minuchin & Fishman, 1981).

É nesta fase que começa o processo de separação entre os pais e os filhos (Minuchin & Fishman, 1981).

Na adolescência o grupo de pares ganha uma maior importância. Este é um grupo com os seus valores e cultura, e a família deve renegociar questões da autonomia e de controlo sobre o adolescente (Minuchin & Fishman, 1981).

Nesta fase os pais já se encontram na meia-idade e devem negociar a reentrada na vida dos seus próprios pais, que podem precisar deles devido a doença ou à morte de um dos cônjuges (Minuchin & Fishman, 1981).

Na quarta e última fase, os filhos adultos formam a sua própria família. A família inicial volta a ser constituída por apenas dois elementos e ocorre mudança nas suas relações com os filhos, que agora também já são adultos (Minuchin & Fishman, 1981).

O subsistema conjugal volta a estar em foco nesta fase. O casal tem a oportunidade de se centrar mais na conjugalidade e em sonhos ou expectativas que não puderam ser cumpridos previamente, devido ao foco na parentalidade (Minuchin & Fishman, 1981).

Na década de 90, a psicoterapeuta familiar portuguesa Ana Paula Relvas publicou um livro sobre ciclo vital da família, no qual apresenta um modelo clínico semelhante ao de Minuchin e Fishman. A autora divide a terceira fase dos autores- Família com crianças em idade escolar ou adolescentes- em duas: 1) famílias com filhos em idade escolar; 2) famílias com filhos adolescentes (Minuchin & Fishman, 1981; Relvas, 1996).

Relvas (1996) vê o desenvolvimento familiar dividido em cinco etapas: 1- Formação do casal; 2- Família com filhos pequenos; 3- Família com filhos em idade escolar; 4- Família com filhos adolescentes; 5- Família com filhos adultos.

Cada etapa tem associadas tarefas desenvolvimentais e, ainda que essas tarefas estejam mais presentes numa dada etapa, não desaparecem nas seguintes (a parentalidade é uma tarefa que surge na segunda etapa do desenvolvimento e estará presente ao longo de todo o CVF).

São ainda contempladas a comunicação, a meta-comunicação e as relações entre os elementos da família, o tipo de fronteiras existentes entre os diversos subsistemas e entre a família e outros sistemas. Tal como ocorre no modelo de Carter e McGoldrick, este modelo providencia uma visão multigeracional do desenvolvimento da família (Carter & McGoldrick, 2001; Relvas, 1996).

Este modelo de CVF assenta em dois princípios: o tempo e a mudança. O tempo relaciona-se com as tarefas desenvolvimentais da família e com os marcadores das etapas. Este tempo não é cronológico, é processual e relaciona-se com os momentos estruturais que se vão articular na família e nos quais os elementos da mesma desempenham diferentes papéis e se colocam em várias posições no sistema familiar (Relvas, 1996).

A mudança está presente ao longo do tempo de vida familiar, uma vez que a família sofre flutuações permanentes e, quando atinge uma dada amplitude, precisa de se reestruturar para evoluir. Essas mudanças irão originar um novo padrão de funcionamento e transformar a família. Neste modelo, os momentos de transformação correspondem aos marcadores das etapas do ciclo vital (Relvas, 1996).

Modelos de CV de Outras Formas de Família

Desde sempre existiram outras formas de família que não a família nuclear intacta, que serviu de objeto de estudo para o estabelecimento dos modelos de CVF. A definição de família tem variações de cultura para cultura (nos E.U.A. a família diz respeito à família nuclear, em Itália refere-se a todos os elementos da família nuclear e alargada, na China reporta-se para o casal e os ancestrais e descendentes do marido, nas famílias americanas negras são considerados família não só os elementos desta, como também amigos e pessoas próximas sem laços de sangue (Kim et al., 1985 cit. in Carter & McGoldrick, 2001; Morioka, 1967; Rotunno & McGoldrick, 1982 cit. in Carter & McGoldrick, 2001; Stack, 1975, cit. in Carter & McGoldrick, 2001).

As variações culturais têm influência sobre os marcadores de transição do CVF. Algumas culturas enfatizam a morte (Irlandeses e negros dos E.U. A.), outras o casamento (Itália e Polinésia) e outras a passagem para a idade adulta (Comunidade Judaica) (Carter & McGoldrick, 2001).

São diversos os fatores sociais que têm vindo a contribuir para alternativas aos modelos de CVF, nomeadamente o aumento da taxa de divórcios, de segundos casamentos e de novas formas de família (ex. monoparentais; reconstituídas; homossexuais...) (Framo, 1994; Relvas & Alarcão, 2002).

Os primeiros modelos pontuavam a existência de filhos para definir as fases do desenvolvimento. Porém, a existência de cada vez mais famílias sem filhos, ou com filhos adotados, impulsionou a necessidade de pensar as etapas do CVF e definir marcadores adicionais que representem a complexidade das estruturas familiares que existem atualmente (Aldous, 1990; Carter & McGoldrick, 2001; Nock, 1979; Relvas & Alarcão, 2002).

Vários autores propõem alterações aos modelos de CVF “tradicionais”. Hill publicou um estudo sobre o CVF de diferentes tipos de famílias monoparentais no qual comparou o desenvolvimento destas famílias com a família nuclear intacta.

O autor baseou-se na teoria das transições críticas de Rapoport e no modelo de CVF desenvolvido com Rodgers. Hill utilizou os dados dos censos de 1975 e aprofundou o estudo sobre três tipos de famílias monoparentais: Tipo 1- mãe divorciada que volta a casar; Tipo 2- mãe divorciada que permanece solteira; Tipo 3- mãe viúva que volta a casar (Hill, 1986).

Através dos dados obtidos, Hill percebeu as seguintes diferenças:

1) As famílias do tipo 1 e 2 começam mais cedo do que as do tipo 3 e do que as famílias nucleares intactas;

2) O período de maternidade das famílias tipo 1 é mais longo e têm mais filhos do que as famílias tipo 2 e 3;

3) As famílias tipo 1 e 2 habitualmente entram no processo de divórcio quando o filho mais velho entra na escola;

4) As famílias tipo 1 costumam casar novamente a meio da fase família com crianças pequenas, passando por uma nova transição crítica em pouco tempo e aumentando as fontes de *stress*;

5) Além de se terem de adaptar a um novo casamento e aos papéis de padrasto e enteado(a), as famílias do tipo 1 voltam a ter filhos, criando uma sobreposição de fases, respondendo às necessidades da criança pequena (proveniente desta nova família), e de um jovem adolescente (proveniente da família antiga da mãe);

6) Nas famílias do tipo 1 há um adiamento em cerca de 13 anos do fim da fase de lançamento dos filhos em relação às famílias tipo 2;

7) As famílias do tipo 1 são mais vulneráveis ao divórcio (pela segunda vez) face às famílias intactas cujas mães se encontram na mesma faixa etária;

8) A família tipo 3 é menos vulnerável ao divórcio em comparação com as famílias intactas;

9) As famílias tipo 2 são economicamente mais privadas e socialmente mal vistas, mas acabam por ter mais facilidade no cumprimento das tarefas desenvolvimentais do que as dos tipos 1 e 2;

10) As famílias tipo 2 são as mais parecidas com as famílias intactas do ponto de vista de fases desenvolvimentais, apenas terminam o seu ciclo mais cedo (com a saída de casa dos filhos);

11) As famílias tipo 3 casam pela segunda vez mais cedo do que as restantes famílias e tornam-se monoparentais, em média, 5 anos mais tarde do que as famílias dos tipos 1 e 2 e este período (monoparentalidade) é relativamente curto (4 anos);

12) As famílias tipo 1 desviam-se mais no tempo e no número de transições em relação à família nuclear intacta, mas o período de maternidade acaba por ser próximo;

13) As famílias intactas negras e brancas são muito similares, apenas se distinguindo na altura em que entram na fase parental. Nas famílias negras é mais comum as mulheres casarem grávidas. O nº de divórcios é semelhante, mas as famílias negras intactas têm mais filhos e divorciam-se quando eles são mais velhos;

14) Os casais sem filhos divorciam-se mais cedo do que as restantes famílias;

15) As famílias monoparentais partilham as mesmas tarefas desenvolvimentais das famílias intactas, a principal diferença está no facto destas famílias terem menos pessoas para ocuparem os diversos papéis familiares, colocando encargos adicionais nos restantes membros (Hill, 1986).

16) Todas as famílias monoparentais experienciam mais períodos críticos de transição e estes duram mais tempo (Hill, 1986).

17) Os períodos de maior estabilidade da família intacta são a as fases de família com filhos em idade pré-escolar e família com filhos adolescentes. Estas são as fases nas quais as famílias monoparentais se confrontam com mais transições, menos recursos e estão mais vulneráveis a dificuldades nas transições de papéis (Hill, 1986).

A raça /etnia dos elementos das famílias também tem implicações importantes no CVF pontuando de forma distinta as fases e transições destas famílias. O autor Hines (2001) estudou as famílias negras americanas e concluiu que estas apresentam na generalidade as seguintes características particulares: muitas mulheres são mães solteiras e residem com as suas mães, havendo um encurtamento para 3 fases do CV destas famílias: 1) família com adolescentes e jovens adultos solteiros; 2) família com filhos pequenos; 3) família na fase

tardia da vida. Nestas famílias é raro existir o chamado “ninho vazio”, muitas vezes os homens morrem antes ou logo após a reforma.

Modelos de CVF de outros países

Collver (1963) estudou o CVF na Índia rural e comparou-o com o modelo de Glick. Segundo o autor, as fases são menos definidas na Índia e a idade precoce do casamento obriga o casal a residir com os pais. O período de maternidade é mais longo e a taxa de mortalidade também, contribuindo para um número elevado de mulheres viúvas com crianças dependentes que necessitam do apoio dos familiares.

Habitualmente as noivas passam por um período de transição de cerca de 3 anos entre a cerimónia do casamento (shadi) e a consumação (gauna). Após o shadi a noiva fica em casa dos pais. Após a gauna vai viver com o marido na casa da família dele e, quando nascer o primeiro filho, volta temporariamente para casa dos pais para a mãe ensiná-la a exercer o seu novo papel de mãe. Para o homem a transição é mais suave, visto que este nunca deixa a casa dos pais (Collver, 1963).

Devido à coabitação de gerações na mesma casa, por vezes existe uma sobreposição de fases no CV destas famílias quando o filho mais velho do casal se casa e os seus pais ainda estão na fase de maternidade. Às vezes uma mulher torna-se avó quando ainda está a ter filhos, mesmo que exista um preconceito social em relação a ter filhos nesta altura (Collver, 1963).

Devido à taxa de mortalidade elevada, muitas vezes o casal termina após o período de maternidade. Nos casos nos quais existe um casamento precoce, um período de maternidade longo e morte precoce, o CVF dividido em fases é inapropriado para descrever o desenvolvimento destas famílias (Collver, 1963).

Apesar do casamento ocorrer muito mais cedo na Índia do que nos E.U.A., as maiores diferenças nos ciclos de vida destes países dão-se na altura do nascimento do primeiro filho e na duração da fase da maternidade que é mais longa na Índia (Collver, 1963).

A diferença de idades entre os cônjuges aproxima-se muito da encontrada nos E.U.A.. No entanto esta diferença acentua-se nos segundos casamentos, visto existir uma tendência para os homens viúvos voltarem a casar e as mulheres não (Collver, 1963).

Em média as famílias indianas demoram 21 anos até completarem as suas famílias, as famílias americanas demoram 10 anos (Collver, 1963).

O sociólogo japonês Kyomi Morioka publicou um estudo no qual fez uma comparação entre os CVF das famílias japonesa, chinesa e americana utilizando o modelo proposto por

Glick. Devido a diferenças culturais, adaptou o modelo de forma a este poder representar as famílias asiáticas. (Morioka, 1967).

Em 1984, o sociólogo japonês Fumie Kumagai utilizou o modelo de CVF proposto por Glick para fazer a comparação entre o CV das famílias americanas, japonesas e canadianas (Kumagai, 1984).

Em 1974, a autora croata Ruza First-Dilić publicou um modelo de CVF que representa as famílias rurais agricultoras da antiga República da Jugoslávia (Croácia). O modelo é constituído por 7 fases: 1- Família sem filhos (período desde o casamento até 5 anos após o mesmo); 2- Família com filhos na idade pré-escolar (o filho mais velho tem no máximo 6 anos); 3- Família em idade escolar (o filho mais velho tem entre 7 e 14 anos); 4- Família com filhos adolescentes (o filho mais velho tem entre 15 e 18 anos); 5- Família com jovem adulto economicamente independente (período desde os 19 anos do filho mais velho, até à sua saída de casa); 6- Família no lançamento dos filhos (período desde a saída de casa do filho mais velho até à saída do último filho); 7- Família após a saída de casa dos filhos (período desde a saída de casa dos filhos até à morte de um dos cônjuges) (First-Dilić, 1974).

A autora refere que é possível existirem sobreposições nas fases 4, 5 e 6 (First-Dilić, 1974).

Em 1975, a psicóloga Mollie Smart e o seu marido Russel publicaram um estudo sobre o CV das famílias neozelandesas no qual comparavam a satisfação conjugal das famílias neozelandesas e a das famílias americanas (Smart & Smart, 1975).

Em 1980, a socióloga Marta Tienda publicou um estudo sobre CVF e a dependência financeira nas famílias peruanas. No mesmo a autora faz uma adaptação do modelo de Duvall para 6 fases: 1- Família recém-formada, sem filhos e com a mãe com menos de 45 anos; 2- Família no período da maternidade, com o filho mais velho com menos de 6 anos; 3- Família no período escolar, com o filho mais velho entre os 6 e os 13 anos; 4- Família com filhos adolescentes, com o filho mais velho entre os 14 e os 18 anos; 5- Família com filhos adultos, com o filho mais velho com mais de 19 anos; 6- Família com o ninho vazio, os filhos já saíram todos de casa e a mãe tem mais do que 45 anos de idade (Tienda, 1980).

Em 1981, os sociólogos Roy Rodgers e Gail Witney publicaram um artigo no qual utilizaram o modelo de CVF proposto por Glick para comparar o desenvolvimento das famílias americanas e canadianas (Rodgers & Witney, 1981).

Em 1982, o sociólogo Merlin Brinkerhoff criou um modelo de CVF baseado nos modelos propostos por Rodgers e Hill em 1964 e por Duvall em 1957, no qual estabelece a idade do filho mais novo como indicador das fases (Brinkerhoff, 1982).

Em 1991, o sociólogo australiano Donald Trevor Rowland propôs adotar os modelos de CV da família nuclear intacta de forma a estudar o desenvolvimento familiar contemporâneo nos primeiros anos de casamento e no período de maternidade das famílias monoparentais, dos casais sem filhos e das famílias reconstituídas (Rowland, 1991).

Modelos desenvolvimentais alternativos ao conceito de CVF

O conceito de CVF não é consensual enquanto explicação para o desenvolvimento familiar. Alguns autores, da área da Sociologia e da Psicologia, apresentam modelos desenvolvimentais alternativos. Os terapeutas familiares americanos Margaret e Harold Feldman propuseram a utilização do conceito de carreira familiar como alternativa ao CVF (Feldman & Feldman, 1975).

Este conceito já tinha sido utilizado por Rodgers em 1962. Segundo Feldman & Feldman (1975), a carreira familiar descreve a participação de um indivíduo dentro da sua família ao longo da sua vida e é constituída por quatro subcarreiras: 1) a carreira da experiência sexual; 2) a carreira conjugal; 3) a carreira parental com uma criança; 4) a carreira parental com um adulto.

O sujeito pode ocupar uma, várias ou nenhuma destas subcarreiras ou posições num dado momento. A totalidade de ocupações nas posições sociais que surgem destas carreiras representa a carreira familiar. Os momentos nos quais há uma interseção de subcarreiras são denominados pontos de crise (Feldman & Feldman, 1975).

As quatro subcarreiras familiares assentam em quatro fatores:

1) Habitualmente são diádicas e dizem respeito a interações pessoais (Homan, 1950, cit. in Feldman & Feldman, 1975);

2) Devem ser vistas de forma independente das outras carreiras do indivíduo que lhe dizem respeito, isoladamente ou noutros contextos sociais (carreira ocupacional, profissional, etc...) (Feldman & Feldman, 1975);

3) As díades são compostas por interações dentro (ex. irmãos) e fora (ex. progenitores e criança) da uma faixa etária (Feldman & Feldman, 1975);

4) Todas as subcarreiras desenvolvimentais têm uma progressão única, diferindo de um indivíduo para outro (Feldman & Feldman, 1975).

A utilização destas quatro subcarreiras tem a vantagem destas poderem categorizar qualquer família, de acordo com as posições que os seus elementos ocupam. As subcarreiras podem ainda ser vistas como estágios do desenvolvimento (Feldman & Feldman, 1975).

A psiquiatra americana Lee Combrinck-Graham achava unidirecionais e lineares os modelos de CVF, uma vez que estes não permitiam estudar as mudanças que ocorriam em famílias sem filhos, adotivas ou reconstituídas. Na sua perspectiva o desenvolvimento familiar assemelha-se a uma espiral, na qual estão contemplados os vários ciclos de vida dos elementos da família, em cruzamento com os ciclos de vida dos elementos de outras gerações (Combrinck-Graham, 1985).

Sobrepõem-se as tarefas desenvolvimentais de três gerações, com oscilações entre períodos de maior proximidade familiar (centrípetos) e entre períodos de afastamento (centrífugos) (Combrinck-Graham, 1985).

Os períodos centrípetos relacionam-se com mudanças nas tarefas desenvolvimentais familiares que requerem um vínculo mais intenso e uma maior coesão familiar (ex. casamento e nascimento de crianças). Há uma ênfase na vida familiar interna, os limites pessoais são difusos, os subsistemas não se diferenciam e há alguma perda de autonomia (Combrinck-Graham, 1985). A vinculação e a ligação tornam-se o foco das relações. Os limites do sistema familiar face ao exterior tornam-se mais claros, possibilitando a elaboração e a reformulação de relacionamentos íntimos (Combrinck-Graham, 1985).

Nestes períodos a família muda e há uma subida de geração. Com o nascimento de uma criança os elementos do casal tornam-se pais e os seus progenitores tornam-se avós (Combrinck-Graham, 1985).

Há medida que a família se desenvolve de um período centrípeto para um período centrífugo, há a necessidade de abertura do sistema e aumenta a distância emocional entre os membros. Nesta altura, aumenta o intercâmbio com o ambiente extrafamiliar. Este movimento começa com a entrada da criança na escola e vai desenvolver-se até à adolescência. Nesta fase ocorre diferenciação e separação dos seus elementos. Os filhos começam a sair de casa e o casamento do par conjugal é renegociado, os seus estilos de vida e as carreiras são revistos e reavaliados (Combrinck-Graham, 1985).

Tipicamente, as pessoas passam por três oscilações nas suas vidas: o nascimento e adolescência, o nascimento e a adolescência dos seus filhos e o nascimento e a adolescência dos netos (Combrinck-Graham, 1985).

Discussão dos resultados

Qualquer que seja o esquema utilizado para definir o percurso da família, a divisão das fases é útil para estudar algo que, na realidade, flui sem pausas nem quebras. Uma das vantagens do conceito de CVF é a clarificação de que cada fase tem a sua origem nas fases

anteriores e a sua convivência com percursos de desenvolvimento que ainda estão para vir. Ao ser cíclico, o CVF e cada uma das suas fases não tem início nem fim. Não importa em que fase se comece a estudar a vida familiar, existem sempre processos importantes no passado que devem ser tidas em conta (Duvall & Kerckhoff, 1958).

A abordagem desenvolvimental de CVF oferece um quadro conceptual útil para estudar diversos aspetos da vida familiar, ao focar-se nas mudanças e nos processos pelos quais passam as famílias e não apenas limitar-se a descrever uma secção transversal (como acontecia nos dados obtidos a partir dos censos e respetivos cortes de corte, como no modelo proposto por Glick) (Nock, 1979).

O conceito de CVF pode ser utilizado como ferramenta conceptual para o trabalho terapêutico com as famílias, ao definir transições normativas e um quadro conceptual sobre o desenvolvimento familiar que permita a formulação de casos clínicos. E há algumas intervenções clínicas, como é o caso do modelo Estrutural de Salvador Minuchin, baseadas nos conceitos de ciclo vital e de transições normativas que se mostraram muito úteis. Por exemplo, estes conceitos são aplicáveis nas intervenções feitas com famílias cujos elementos têm anorexia ou psicose (Dankoski, 2001; Golijani-Moghaddam, 2014; Minuchin & Fishman, 1981) uma vez que os sintomas parecem estar relacionados com dificuldades em responder aos desafios normativos das etapas do ciclo vital (e eventualmente etapas anteriores) em que se encontram, sendo o foco da intervenção potenciar o cumprimento dessas tarefas de forma adaptativa.

Em 1970, os autores Boyd Rollins e Harold Feldman utilizaram o modelo de CVF proposto por Duvall para estudar a satisfação conjugal das famílias americanas (Rollins & Feldman, 1970).

A terapia focada nas emoções utiliza as fases do CVF na qual se encontra o casal como parâmetro de orientação das emoções a serem trabalhadas. A abordagem desenvolvimental normaliza as dificuldades que surgem nos períodos de transição entre fases, retirando conotação negativa atribuída às famílias que se confrontam com estas dificuldades (Dankoski, 2001).

Também Kapinus & Johnson (2003) mostraram que o CVF é útil enquanto variável para estudar o compromisso conjugal, uma vez que este varia normativamente ao longo do tempo, observando-se que estas alterações são comuns a muitos casais.

Um dos marcadores comuns a todos os modelos de CVF é a existência de filhos. O desenvolvimento das crianças implica a mudança dos papéis familiares no sentido da resposta às suas necessidades. Por essa mesma razão a saída de casa dos filhos serve como marcador

de outra fase. Outro ponto comum nos diversos modelos é a reforma dos cônjuges, que obriga novamente à alteração dos papéis familiares (Nock, 1979).

Alguns estudos demonstram que o CVF pode ser utilizado como preditor de alguns eventos familiares (Nock, 1979). Lansing e Kish (1957) demonstraram a relação entre o CVF e o rendimento familiar, os comportamentos de consumo e as idades das crianças que residiam com a família. Algumas das conclusões, que valem a pena salientar, são: 1) a fase na qual a família tinha mais débitos era quando o filho mais novo tinha menos de 6 anos; 2) as mulheres tendiam a deixar de trabalhar enquanto os filhos eram pequenos e retomavam quando o filho mais novo entrava na escola; 3) o rendimento familiar era maior quando o filho mais novo tinha mais de 6 anos, possivelmente pelo facto de a mãe retomar ao emprego; 4) a família contraía mais débitos quando tinha ao seu encargo crianças pequenas (com menos de 6 anos).

Rodgers (1973) relacionou cada fase com diversas dimensões da vida familiar, tais como os recursos expressivos (satisfação, alienação, etc.) e os recursos instrumentais (renda, mudanças de emprego, etc.). (ci. In Nock, 1979).

Trost (1974) considera que o CVF pode ser uma ferramenta útil para o ensino, mas enquanto ferramenta de pesquisa é problemática. Não existe concordância em relação ao modelo de CVF a ser utilizado, às fases, aos indicadores e às transições normativas entre fases.

Os modelos tradicionais utilizam a idade do filho mais velho como critério de mudança de fase, porque consideram que é nessa altura que a família vivência pela primeira vez os desafios em causa. No entanto, tal pode não corresponder à realidade (Ex. O filho mais novo pode sair de casa antes do mais velho) (Trost, 1974). Rodgers tenta solucionar esse problema ao incluir a idade do filho mais novo como critério, mas ainda assim não é uma solução consensual (Trost, 1974).

Em 1983, Mederer e Hill propuseram a utilização de métodos de observação para estudar o desenvolvimento familiar, além de dados obtidos a partir das famílias.

A psicoterapeuta familiar americana Tracey Laszloffy sugere que se utilize o Modelo Sistémico para estudar o desenvolvimento das famílias. Segundo a autora, o processo desenvolvimental é pautado pelo surgimento de um evento stressor que pressiona o sistema familiar a mudar e adaptar-se. O processo de mudança e adaptação é conhecido como transição. Quando a família realiza uma transição, as suas relações e os seus papéis familiares alteram-se (Laszloffy, 2002).

Todos os eventos stressores causam desconforto à família. Quando a família consegue realizar a transição, o *stress* que acompanha o evento stressor diminui. Podem existir momentos nos quais a família sente dificuldade em realizar uma transição, sendo incapaz de realizar mudanças. Nesse caso o stress aumenta e, quando ultrapassa um dado nível, a família atinge um ponto no qual não consegue mobilizar os recursos necessários para realizar a transição e atingir uma nova estabilidade. Essa dificuldade leva ao aparecimento de uma crise (Joselevich, 1988, cit. in Laszloffy, 2002; Mederer & Hill, 1983).

Esta visão lembra um pouco a proposta por Barnhill e Longo, mas ao contrário do que acontece no modelo dos autores, no modelo sistémico não se indicam quais são os momentos nos quais é esperado ocorrerem as crises (Barnhill & Longo, 1978; Mederer & Hill, 1983).

As autoras Ana Teixeira de Melo e Madalena Alarcão (2014) identificam algumas limitações no modelo de CVF para estudar o desenvolvimento das famílias. A própria definição de família deve ser repensada e adaptada a este século, tornando-se independente de laços biológicos, da presença ou ausência de membros da família, do género dos adultos presentes e da presença de crianças. Consideram o conceito simplista, linear e com conteúdo prescritivo que fornece uma visão individual da família, e não uma visão sistémica (de Melo & Alarcão, 2014).

Propõem o estudo das dinâmicas internas das famílias, obtendo dados a partir dos vários elementos das mesmas. Nesta perspetiva, as Teorias Complexas são mais apropriadas para estudar o desenvolvimento familiar (de Melo & Alarcão, 2014).

Uma limitação do CVF é a assunção de que há processos normativos e outros que não o são, podendo mostrar uma interpretação linear das dificuldades pelas quais passam as famílias que não conseguem cumprir no prazo ou na maneira “prescrita” as fases ou as tarefas desenvolvimentais destas (Golijani-Moghaddam, 2014).

Ainda que existam pontos comuns na demarcação das fases dos diferentes modelos, cada autor dá importância aos aspetos que considera mais importante (Nock, 1979).

Nock (1979) também aponta problemas na utilização conceptual do CVF. Para o autor, se um investigador pensar que os eventos familiares, o ajustamento conjugal, as atitudes individuais ou outro assunto de interesse variam em função da fase do CVF em que se encontram, não terá maneira de saber se as alterações resultam da alteração dos papéis associados às fases em que se encontra a família, à maturação dos filhos, à idade cronológica, à duração do casamento, à presença de filhos, ou a outra razão.

O facto dos modelos de CVF integrarem fases consecutivas, que implicam o cumprimento de tarefas desenvolvimentais prévias, exclui algumas famílias como os casais sem filhos,

famílias reconstituídas, entre outras. Rodgers tentou resolver este problema ao eliminar a utilização do conceito “fases”, mas ainda assim os modelos não são inclusivos para todas as formas de família (Trost, 1974).

Também as tarefas de cada etapa parecem variar em função de múltiplos fatores como a cultura, a posição social entre outros aspetos como por exemplo a escolaridade dos elementos da família. A este respeito, por exemplo, a saída dos filhos de casa dos pais é considerada uma tarefa que marca uma etapa, mas esta tarefa não é universal nem tão pouco ocorre da mesma maneira em todo o mundo. Mesmo nos E.U.A., de onde provêm a maior parte dos modelos, esta etapa sofreu alterações. A prosperidade económica que ocorreu nas décadas de 50, 60 e 70 levaram a que um grande número de jovens se casasse e saísse de casa dos pais cedo, mas o prolongamento dos estudos, os salários baixos, os custos de habitação e de vida elevados, o aumento das taxas de divórcio e o aumento das uniões de facto que acabam em separação, têm levado a uma inversão desse acontecimento (Clemens & Axelson, 1985; Glick & Lin, 1986).

Na Índia, no Japão e na China não é sequer expectável que os homens saiam de casa dos pais. Quando casam continuam a residir com eles, junto com a esposa e os filhos (Collver, 1963; Morioka, 1967).

Em Itália e Espanha é comum os jovens viverem com os pais até casar e tendem a fazê-lo cada vez mais tarde (Holdsworth, 2000; Rossi, 1997). Alguns países têm apoios do estado e medidas que facilitam a saída de casa dos pais, além de a encararem como sinal de maturidade, mas essa realidade não é comum a todos os países (Holdsworth, 2000; Nave-Herz, 1997; Schnaiberg & Goldenberg, 1989).

Vários modelos de CVF foram desenvolvidos no período próximo ao final da 2ª Guerra Mundial. Como os modelos não têm sido testados desde que foram apresentados, existe uma grande probabilidade deles não refletirem as famílias atuais, considerando as transformações sociais que afetam a definição de família e o seu desenvolvimento (Aldous, 1990; Hill, 1986; Golijani-Moghaddam, 2014).

As famílias que se afastam da estrutura da família nuclear tradicional, como por exemplo, as pessoas que vivem sozinhas, famílias monoparentais, casais que vivem em união de facto sem filhos, entre outras, não são contempladas nas teorias de CVF (Trost, 1974). Hill tentou resolver isso ao adaptar o modelo que criou com Rodgers a estas famílias (Hill, 1986), mas talvez uma adaptação não seja suficiente para descrever a complexidade que as envolve e pouco por ser sempre uma abordagem que se organiza pela diferença face a outra família...

Do ponto de vista clínico o conceito tem tido uma utilidade evidente pois permite contextualizar algumas tensões que as famílias apresentam e normalizá-las. Porém é muitas vezes é difícil perceber se são de facto as fases do CVF- que estão envolvidas nas dificuldades que as famílias apresentam quando recorrem à psicoterapia- ou se existem outras variáveis que explicam melhor essas dificuldades (Aldous, 1990; Golijani-Moghaddam, 2014; Hill, 1986).

Spanier et. al (1979) achavam que é mais útil utilizar outros esquemas de estratificação que não as fases de CVF. Por exemplo, os casais que vivem em união de facto não são contemplados nos modelos tradicionais

Os modelos tradicionais de CVF podem também ter alguns enviesamentos de género associados a estereótipos culturais que não acompanham as mudanças na estrutura e funcionamento familiares que se tornam cada vez mais complexos e diversos, como é por exemplo o caso do modelo proposto por Hill e Rodgers que pontua apenas as mudanças dos papéis de pai e marido, deixando de parte os papéis de mãe e esposa (Trost, 1974).

O terapeuta familiar americano Milton Erikson é da opinião de que em vez de se tentar atualizar o paradigma de CVF (o que já foi feito por exemplo por Carter e McGoldrick), deve-se mudar de paradigma ou a forma como pensamos a família e o curso de vida dos indivíduos, dos casais e das famílias. Propõe a utilização das abordagens Narrativas para estudar e compreender o desenvolvimento das famílias (Erikson, 1998).

Em 1990, a socióloga americana Joan Aldous publicou um estudo no qual compara as abordagens de Desenvolvimento Familiar, que se baseia na utilização do conceito de CVF e a abordagem Carreira Familiar. A socióloga diz que estas duas perspetivas são meras orientações sobre as mudanças familiares e que não devem ser encaradas como teorias. Aldous apresentou as vantagens e desvantagens destas duas abordagens, tendo concluído que as duas se complementam e, para perceber o desenvolvimento das famílias ao longo do tempo, ambas são relevantes (Aldous, 1990).

Em 1979, Klein e Aldous apresentaram num artigo algumas críticas aos estudos de Spanier e Nock que questionavam a validade de utilizar o conceito de CVF como variável (independente) de estudo do desenvolvimento familiar. Os autores consideram as variáveis problemáticas, ao poderem levar a conclusões precipitadas de que o conceito não servia enquanto variável independente.

Nock contra-argumentou, dizendo que as variáveis que utilizou eram adequadas para estudar o desenvolvimento familiar e que os autores se preocupavam mais em criar modelos específicos para cada forma de família (adaptar modelos pré-existentes) em vez de

procurarem descobrir variáveis que sejam úteis para estudar o desenvolvimento das famílias (Klein, Aldous & Nock, 1979).

Nock é a favor da utilização da Abordagem Desenvolvimental- no qual se insere o conceito de CVF- mas acha o desenvolvimento familiar demasiado complexo e diverso para ser caracterizado por uma sequência rígida e limitada de fases (Nock, 1979).

Conclusões

Tendo em conta todas as novas formas de família e as alterações sociais que têm tido impacto na família ao longo das últimas décadas, importa questionar até que ponto uma perspectiva de ciclo vital faz sentido para explicar o desenvolvimento familiar? O próprio conceito de família sofreu alterações e as famílias são hoje mais diversas e mais complexas na sua estrutura e organização. Será mais útil uma perspectiva holística que não estigmatize as famílias com maior diversidade de organização, estrutura e percursos podendo ser inadequado utilizar para o estudo do seu desenvolvimento modelos comparativos que as vêem como deficitárias.

É verdade que o conceito de ciclo vital da família ajuda a organizar teoricamente as tarefas que devem ser cumpridas, mas culturas diferentes têm visões diferentes quanto ao caminho que a família deve fazer, os papéis de cada elemento, as funções da família e as tarefas a serem cumpridas em cada etapa. Não há percursos universais nem lineares, mesmo num dado quadro cultural, histórico e social, o que questiona a utilidade do CVF.

Ao adaptarem os modelos pré-existentes às novas formas de família, os autores estão a tentar encaixá-las para as conseguir estudar e fazer comparações. Considera-se que os modelos é que devem representar as famílias e não vice-versa.

Segundo Nock (1979), o potencial da abordagem desenvolvimental da família ainda não foi totalmente utilizado. Os estudos empíricos existentes incidem sobre famílias que procuram acompanhamento terapêutico e parecem existir diferenças nas famílias que conseguem desenvolver-se sem recorrer a ajuda externa, sendo que não existem estudos que incidam sobre estas famílias.

As abordagens que foram aqui apresentadas trazem dados importantes para estudar as famílias e trabalhar com elas, é importante construir pontos de referência, mesmo que cultural, social e historicamente datados, pois eles ajudam a organizar o olhar clínico sobre as famílias, devolvendo algumas possibilidades de trajetórias, ou mais adaptativas, ou mais frequentes, ou mais típica e, nesse sentido, permitem identificar as que não o são, o que não significa que sejam disfuncionais, são apenas outras! Porém é importante que a investigação

permita evidenciar empiricamente que os eventos percebidos pelas famílias correspondem às fases tais como são descritas.

Além disso, optar por uma única perspectiva torna linear algo que é muito rico e complexo (o desenvolvimento familiar). Seria interessante fazer novos estudos para estudar o desenvolvimento das famílias, os quais tivessem em conta a perspectiva das famílias e não apenas das pessoas que trabalham com elas.

Referências Bibliográficas

- Aldous, J. (1990). Family development and the life course: two perspectives on family change. *Journal of Marriage and Family*, 52(3), 571-583. doi:10.2307/352924
- Aveyard, H. (2014). *Doing a literature review in health and social care: a practical guide* (3^a ed.). London: McGraw Hill.
- Barnhill, L. R. & Longo, D. (1978), Fixation and regression in the family life cycle. *Family Process*, 17(1), 469-478. doi:10.1111/j.1545-5300.1978.00469.x
- Brinkerhoff, M. B. (1982). Women's work in Mexico and Canada: The constraints of various dimensions of SES and family life cycle. *Journal of Comparative Family Studies*, 13(3), 307-328.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo vital de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trad.). São Paulo: Artmed. (Trabalho original em inglês publicado em 1989)
- Collver, A. (1963). The family life cycle in India and the United States. *American Sociological Review*, 28(1), 86-96. doi:10.2307/2090462
- Combrinck-Graham, L. (1985). A developmental model for family systems. *Family Process*, 24(2), 139-150. doi:10.1111/j.1545-5300.1985.00139.x
- Clemens, A. W. & Axelson, L. J. (1985). The not-so-empty-nest: the return of the fledgling adult. *Family Relations*, 34(2), 259-264. doi:10.2307/583900
- Dankoski, M. E. (2001). Pulling on the heart strings: an emotionally focused approach to family life cycle transitions. *Journal of Marital and Family Therapy*, 27(2), 177-187. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2001.tb01155.x>
- De Melo, A. T. & Alarcão, M. (2014). Beyond the family cycle: Understanding family development in the twenty-first century through complexity theories. *Family Science*, 5(1), 52-59. doi:10.1080/19424620.2014.933743
- Duvall, E., & Kerckhoff, R. (1958). Implications for education through the family life cycle. *Marriage and Family Living*, 20(4), 334-343. doi:10.2307/348255
- Elder, G. H. (1977). Family history and the life course. *Journal of Family History*, 2(4), 279-304. doi:10.1177/036319907700200402
- Erikson, M. J. (1998). Revisioning the family life cycle theory and paradigm in marriage and family therapy. *The American Journal of Family Therapy*, 26(4), 341-355. doi:10.1080/01926189808251112
- Feldman, H. & Feldman, M. (1975). The family life cycle: some suggestions for recycling. *Journal of Marriage and Family*, 37(2), 277-284. doi:10.2307/350961

- First-Dilić, R. (1974). The life cycle of the yugoslav peasant farm family. *Journal of Marriage and Family*, 36(4), 819-826. doi:10.2307/350366
- Framo, J. I. (1994). The family life cycle: impressions. *Contemporary Family Therapy*, 16(2), 87-117. doi:10.1007/BF02196800
- Frank, L. K. (1948). Dynamics of family interaction. *Marriage and Family Living*, 10(3), 52-53. doi:10.2307/348939
- Fulmer, R. H. (2001). Famílias de baixa renda e famílias com formação profissional: uma comparação da estrutura e do processo de ciclo de vida Em B. Carter & M. McGoldrick (Eds.) *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trad., pp.468-496). São Paulo: Artmed. (Trabalho original em inglês publicado em 1989)
- Glick, P. (1947). The family cycle. *American Sociological Review*, 12(2), 164-174.
- Glick, P. (1955). The life cycle of the family. *Marriage and Family Living*, 17(1), 3-9. doi:10.2307/346771
- Glick, P. (1977). Updating the life cycle of the family. *Journal of Marriage and Family*, 39(1), 5-13. doi:10.2307/351058
- Glick, P. C. & Lin, S.-L. (1986). More young adults are living with their parents: who are they? *Journal of Marriage and Family*, 48(1), 107-112. doi:10.2307/352233
- Golijani-Moghaddam, N. (2014). Applying family life cycle concepts in psychological practice with children and young people. *Applied Psychological Research Journal*, 2, 26-33. doi:10.18522/aprj.v1i2.130
- Higgins JP & Green S, (2011). *Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions*. Disponível em: <http://handbook.cochrane.org/>
- Hill, R. (1964). Methodological issues in family development research. *Family Process*, 3(1), 186-206. doi:10.1111/j.1545-5300.1964.00186.x
- Hill, R. (1986). Life cycle stages for single parent families: of family development theory. *Family Relations*, 35(1). doi:10.2307/584278
- Hines, P. M. (2001). O ciclo de vida familiar nas famílias negras pobres. Em B. Carter & M. McGoldrick (Eds.) *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trad. pp.440-467.). São Paulo: Artmed. (Trabalho original em inglês publicado em 1989)
- Holdsworth, C. (2000). Leaving home in Britain and Spain, *European Sociological Review*, 16(2), 201-222.

- Kapinus, C. & Johnson, M. P. (2003). The utility of family life cycle as a theoretical and empirical tool: commitment and family life-cycle stage. *Journal of Family Issues*, 24(2), 155-184. doi: 10.1177/0192513X02250135
- Klein, D., Aldous, J. & Nock, S. L. (1979). Three blind mice: misleading criticisms of the "life cycle" concept. *Journal of Marriage and Family*, 41(4), 689-692. doi:10.2307/351467
- Kumagai, F. (1984). The life cycle of the Japanese family. *Journal of Marriage and Family*, 46(1), 191-204. doi:10.2307/351877
- Laszloffy, T. A. (2002). Rethinking family development theory: teaching with systemic family development (SFD) model. *Family Relations*, 51(3), 206-214.
- Loomis, C., & Hamilton, C. (1936). Family life cycle analysis. *Social Forces*, 15(2), 225-231. doi:10.2307/2570962
- Mederer, H. & Hill, R. (1983). Critical transitions over the family life span. *Marriage & Family Review*, 6(1-2), 39-60. doi:10.1300/J002v06n01_03
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1981). *Family therapy techniques*. Cambridge: Harvard University Press.
- Morioka, K. (1967). Life Cycle Patterns in Japan, China, and the United States. *Journal of Marriage and Family*, 29(3), 595-606. doi:10.2307/349607
- Murphy, P. & Staples, W. (1979). A modernized family life cycle. *Journal of Consumer Research*, 6(1), 12-22.
- Nave-Herz, R. (1997). Still in the nest: the family and young adults in Germany. *Journal of Family Issues*, 18(6), 671-689. doi:10.1177/019251397018006006
- Nock, S. L. (1979). The family life cycle: empirical or conceptual tool? *Journal of Marriage and Family*, 41(1), 15-26. doi:10.2307/351727
- Rapoport, R. (1963), Normal Crises, Family Structure and Mental Health. *Family Process*, 2(1), 68-80. doi:10.1111/j.1545-5300.1963.00068.x
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rodgers, R. (1964a). Some Factors Associated with Homogeneous Role Patterns in Family Life Cycle Careers. *The Pacific Sociological Review*, 7(1), 38-48. doi: 10.2307/1388465
- Rodgers, R. (1964b). Toward a theory of family development. *Journal of Marriage and Family*, 26(3), 262-270. doi:10.2307/349456
- Rodgers, R. H. & Witney, G. (1981). The Family Cycle in Twentieth Century Canada. *Journal of Marriage and Family*, 43(3), 727-740. doi:10.2307/351772.

- Rossi, G. (1997). The nestlings: why young adults stay at home longer: the Italian case. *Journal of Family Issues*, 18(6), 627-644. doi:10.1177/019251397018006004
- Rollins, B. C. & Feldman, H. (1970). Marital Satisfaction over the Family Life Cycle. *Journal of Marriage and Family*, 32(1), 20-28. doi:10.2307/349967
- Rowland, D. T. (1991). Family diversity and the life cycle. *Journal of Comparative Family Studies*, 22(1), 1-14.
- Sampaio, R. F. & Mancini, M. C. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica, *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 11(1), 83-89. doi: 10.1590/S1413-35552007000100013
- Schnaiberg, A. & Goldenberg, S. (1989). From empty nest to crowded nest: the dynamics of incompletely-launched young adults. *Social Problems*, 36(3), 251-269. doi:10.2397/800694
- Smart, M. S. & Smart, R. (1975). Recalled, present, and predicted satisfaction in stages of the family life cycle in New Zealand. *Journal of Marriage and Family*, 37(2), 408-415. doi:10.2307/350975
- Spanier, G. B., Sauer, W. & Larzelere, R. (1979). An Empirical Evaluation of the Family Life Cycle. *Journal of Marriage and Family*, 41(1), 27-38. doi: 10.2307/351728
- Solomon, M. A. (1973). A developmental, conceptual premise for family therapy. *Family Process*, 12, 179-188. doi:10.1111/j.1545-5300.1973.00179.x
- Tienda, M. (1980). Age and Economic Dependency in Peru: A Family Life-Cycle Analysis. *Journal of Marriage and Family*, 42(3), 639-652, doi:10.2307/351907
- Trost, J. (1974). This family life cycle- an impossible concept? *International Journal of Sociology of the Family*, 4(1), 37-47.
- Wells, W., & Gubar, G. (1966). Life cycle concept in marketing research. *Journal of Marketing Research*, 3(4), 355-363. doi:10.2307/3149851

Anexos

Anexo 1

Quadros de Síntese de Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Quadros de Síntese de Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
1	The Family Cycle	Glick, P.	American Sociological Review	1947	Quantitativa	<p>Utilizando os dados dos censos dos EUA entre 1890 e 1940, Glick propôs-se estudar a idade que os casais tinham quando entravam nas fases do CVF, assim como as alterações na composição familiar ao longo do seu desenvolvimento e a descrição das mudanças de residência e das características económicas da família desde a sua formação até à sua dissolução.</p> <p>Glick propõem um modelo de 7 fases de CVF, no qual a família típica se inicia através do casamento, quando o homem tem cerca de 24 anos e a mulher aproximadamente 21. Após o casamento, o casal demora aproximadamente um ano até ter o primeiro filho, atingindo em média um total de três filhos. Habitualmente existe o espaço de dois anos entre cada nascimento, ocorrendo o último nascimento cerca de 6 anos após o casamento .</p> <p>A saída de casa dos pais ocorre com uma idade próxima à que estes tinham quando fizeram o mesmo(21 anos no caso das mulheres, 24 no dos homens), saindo o último filho de casa quando a mãe tem entre 45 e 50 anos.</p> <p>A família termina após a morte dos dois elementos do casal original. Em média os homens morrem mais cedo, com aproximadamente 61 anos e as mulheres aos 74 anos. Nos casos excecionais em que a esposa morre mais cedo, o homem tende a viver até aos 70 anos.</p> <p>Ao longo do seu CV, a família tende a expandir-se e contrair-se de acordo com o número de crianças a residirem com os pais e também ao número variável de familiares adultos que lá possam morar. Exceto na primeira e na última fases, a maioria das famílias tem familiares a residir com eles.</p>

Quadros de Síntese de Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
1	The Family Cycle	Glick, P.	American Sociological Review	1947	Quantitativa e qualitativa	(Continuação) Quanto às características económicas da família, o autor analisou as mudanças de residência, a posse de casa própria, o rendimento familiar, o valor mensal da renda da casa, a ocupação do marido e a ocupação da esposa.
2	Dynamics of Family Interaction	Frank, L. K.	Marriage and Family Living	1948	Qualitativa	O autor apresenta o modelo de CVF descrito por Duvall e Hill na conferência sobre vida familiar que decorreu em 1948. O modelo é constituído por 7 fases e chama a atenção para as mudanças que se dão na vida familiar à medida que a família é confrontada com diversas tarefas desenvolvimentais.
3	The Life Cycle of the Family	Glick, P.	Marriage and Family Living	1955	Quantitativa e qualitativa	Glick utiliza os dados dos censos e das pesquisas populacionais da década de 50, num total de inquéritos a 25.000 famílias, para avaliar as mudanças demográficas e económicas que ocorrem na família ao longo do seu CV. O modelo é constituído por 7 fases, tal como em 1947, mas há uma alteração na idade dos elementos do casal no momento em que entram em cada fase (um ano mais cedo). Neste estudo o autor não apontou o tempo decorrente desde o casamento até ao nascimento do primeiro filho, mas calculou que, em média, metade das mulheres têm o último filho aos 26 anos.
4	Implications for education through the family life cycle	Duvall, E. M. & Kerckhoff, R.	Marriage and Family Living	1958	Qualitativa	Duvall considera que existem dois conceitos importantes na educação ao longo do desenvolvimento familiar: o de CVF e o de tarefas desenvolvimentais. Segundo a autora, as tarefas desenvolvimentais consistem em tentativas do indivíduo para alcançar o seu melhor potencial através de quatro passos: 1) percepcionando novas possibilidades; 2) formando uma nova identidade; 3) lidando com exigências conflituosas; 4) motivando-se para assumir as tarefas.

Quadros de Síntese de Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
4	Implications for education through the family life cycle	Duval, E. M. & Kerckhoff, R.	Marriage and Family Living	1958	Qualitativa	<p>(Continuação) As tarefas desenvolvimentais das famílias são responsáveis pela sobrevivência, continuidade e crescimento da família como um todo à medida que esta vivencia a sua história. De acordo com a teoria do funcionamento estrutural, todo o grupo deve alcançar determinados pré-requisitos culturais de modo a sobreviver e crescer. As nove tarefas desenvolvimentais centrais numa família em termos de estabelecimento e manutenção são: 1- ter uma casa própria; 2- ter um modo satisfatório de ganhar e gastar dinheiro; 3- aceitar mutuamente quem tem determinadas tarefas e quais elas são; 4- existência contínua de relações sexuais mutuamente satisfatórias para o casal; 5- existência de sistemas abertos de comunicação emocional e intelectual; 6- relações trabalhadas com a família alargada; 7- formas de interagir com sócios, amigos e organizações comunitárias; 8- competência para ter filhos e criá-los; 9- ter uma filosofia de vida com que se possa trabalhar.</p> <p>Cada membro da família encontra-se a trabalhar nas suas próprias tarefas desenvolvimentais enquanto vive e cresce. As tarefas de cada elemento interagem com as dos restantes, por vezes entrando em conflito, noutras suportando-se mutuamente. As tarefas desenvolvimentais das famílias e dos seus elementos alteram-se à medida que a família se modifica e são constantemente influenciadas por forças dentro e fora da família.</p> <p>Nenhuma destas tarefas é totalmente completa numa dada fase. Cada fase desenvolvimental nova traz uma nova constelação de tarefas para serem cumpridas pela família e pelos seus elementos.</p>

Quadros de Síntese de Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
4	Implications for education through the family life cycle	Duvall, E. M. & Kerckhoff, R.	Marriage and Family Living	1958	Qualitativa	<p>(Continuação) Nem sempre o desenvolvimento familiar ocorre de forma fluída e efetiva. Tal como acontece no desenvolvimento individual, o cumprimento das tarefas desenvolvimentais de etapas anteriores facilita o cumprimento das tarefas seguintes; e o incumprimento contribui para uma maior dificuldade em cumprir tarefas que surjam no futuro.</p> <p>Normalmente a família desenvolve-se progressivamente através de uma sequência previsível de fases. Antes de uma unidade familiar completar o seu CV, os seus filhos começam a iniciar novas famílias.</p> <p>Neste modelo existem 8 fases do CVF ,definidas pela combinação de 4 fatores: o número de pessoas na família; a idade do filho mais velho do casal; a posição escolar do filho mais velho; as funções e o estatuto das famílias antes das crianças nascerem e após estas saírem de casa. Este modelo tem em conta as mudanças na categoria etária do filho mais velho enquanto marcador do início de uma nova fase, uma vez que as mudanças das experiências do filho mais velho afetam os restantes membros da família.</p> <p>Duvall explica o que deve ser ensinado sobre cada uma das fases e correspondentes tarefas desenvolvimentais e discute os desafios da educação ao longo do desenvolvimento da família dos alunos.</p> <p>Kerckhoff discute o artigo de Duvall, analisando os seus pontos fortes e fracos. O autor acha relevantes as ideias de CVF, de tarefas desenvolvimentais, de competências interpessoais e dos objetivos da educação ao longo do desenvolvimento familiar.</p>

Quadros de Síntese de Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
4	Implications for education through the family life cycle	Duval, E. M. & Kerckhoff, R.	Marriage and Family Living	1958	Qualitativa	<p>(Continuação) Em contrapartida, encontra alguns problemas na lista de desafios correspondentes a cada fase do CVF. A seleção dos mesmos é subjetiva e pode não corresponder à percepção das crianças e dos pais que serão ajudados por esta educação sobre o desenvolvimento familiar.</p> <p>O autor também crítica a lista de necessidades educativas apresentadas por Duvall, uma vez que considera que alguns dos problemas apresentados podem ser resolvidos através de outros meios que não o da educação.</p>
5	Methodological Issues in Family Development Research	Hill, R.	Family Process	1964	Qualitativa	<p>Hill apresenta um resumo do quadro conceptual do desenvolvimento familiar, mostrando os modelos de CV propostos por Duvall e Rodgers e explica os problemas que surgem na operacionalização dos seus conceitos chave no estudo longitudinal das famílias. O autor apresenta algumas soluções para contornar os problemas da pesquisa e considera o modelo de Rodgers mais indicado para o estudo do cv, uma vez que este tem em conta a heterogeneidade das famílias dentro de uma dada fase (o facto de existirem filhos com idades distintas numa dada fase, implica tarefas desenvolvimentais diferentes em simultâneo).</p>
6	Some Factors Associated with Homogeneous Role Patterns in Family Life Cycle Careers	Rodgers, R. H.	The Pacific Sociological Review	1964	Quantitativa e qualitativa	<p>Rodgers vê a família como um sistema de posições inter-relacionadas, nas quais existem associadas normas e funções definidas pela sociedade e pelo próprio sistema (família). O autor tenta explorar as diferentes posições que os elementos da família ocupam ao longo do seu desenvolvimento, assim como as funções associadas a elas.</p> <p>Associado às posições e normas familiares, surgem as funções desenvolvimentais, que variam de acordo com a fase do CV na qual se encontra a família.</p>

Quadros de Síntese de Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
6	Some Factors Associated with Homogeneous Role Patterns in Family Life Cycle Careers	Rodgers, R. H.	The Pacific Sociological Review	1964	Quantitativa e qualitativa	<p>(Continuação) Rodgers apresenta um modelo de CVF de 24 fases definidas pelo tempo de duração do casamento e pelas idades dos filhos mais velho e mais novo do casal.</p> <p>Com este estudo, o autor procurou fazer uma análise longitudinal da carreira familiar das famílias da amostra, razão pela qual só foram incluídas as famílias que forneceram dados que permitissem essa análise.</p> <p>Os dados deste estudo foram coletados para um projeto maior realizado pelo Centro de estudos da Família do Minesota da Universidade do Minesota em 1958 e 1959. A população da amostra consistiu em famílias de três gerações que viviam dentro de um raio de cem milhas da área metropolitana do Minesota. De um total de 348 famílias, foram utilizadas 116.</p> <p>A amostra era regionalmente homogênea, urbana e culturalmente similar dentro das três gerações.</p> <p>O dados foram coletados através de entrevistas pessoais, maioritariamente com as esposas, mas ambos os cônjuges estiveram presentes em algumas entrevistas. A maior parte dos dados deste estudo foram obtidos numa única entrevista que se focava essencialmente na história da composição familiar desde a formação da família através do casamento, até à altura do estudo.</p> <p>Foram incluídas as informações relativas a todos os nascimentos, entradas na escola, saídas da escola, saídas do sistema familiar através do casamento, morte, serviço militar, ida para a universidade e afins.</p>

Quadros de Síntese de Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
7	Toward a theory of family development	Rodgers, R. H.	Journal of marriage and Family	1964	Qualitativa	Rodgers descreve alguns conceitos que fazem parte da abordagem do desenvolvimento familiar (família, posição, norma, papel e função, carreira familiar), explica o desenvolvimento desta abordagem e enumera alguns autores que a seguem.
8	Life Cycle Concept in Marketing Research	Wells, W.D. & Gubar, G.	Journal of Marketing Research	1966	Quantitativa e qualitativa	Wells e Gubar propõem um modelo de CVF constituído por 9 fases definidas de acordo com as idades dos membros da família e com o seu estatuto de emprego. As fases do CVF são utilizadas para estudar o comportamento de consumo das famílias ao longo do seu desenvolvimento. Os autores apresentam alguns problemas na utilização do CVF como variável independente no estudo dos comportamentos de consumo familiar.
9	A Developmental, Conceptual Premise for Family Therapy	Solomon, M. A.	Family Process	1973	Qualitativa	Solomon sugere que o desenvolvimento familiar se dá por fases/estádios, tal como o desenvolvimento individual. O autor propõe um modelo clínico de CVF (o primeiro) constituído por 5 fases, o qual pode ser utilizado no contexto terapêutico para a compreensão diagnóstica e para o planeamento terapêutico das famílias. O modelo foi organizado pelo autor de acordo com os dados clínicos que este recolheu no trabalho terapêutico que fez com diversas famílias.
10	Updating the Life Cycle of the Family	Glick, P.	Journal of Marriage and Family	1977	Quantitativa e qualitativa	O autor utilizou os dados dos censos americanos para estudar a idade média na qual as mulheres casadas entravam nas diversas fases do CV da sua família. Glick fez uma comparação desde 1880 até 1950 e percebeu as seguintes alterações: 1) as famílias formadas no início do séc. XX tendiam a ter 4 filhos, as famílias da década de 30 tinham apenas 3 e as famílias da década de 50 tinham entre 2 a 3 filhos; (houve uma diminuição do nº médio de filhos por família)

Quadros de Síntese de Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
10	Updating the Life Cycle of the Family	Glick, P.	Journal of Marriage and Family	1977	Quantitativa e qualitativa	<p>(Continuação) 2) com a diminuição do tamanho da família, começou a planear-se melhor o número de filhos e a altura mais indicada para os ter sem prejudicar a saúde da mãe; o tempo que a mãe se dedicava exclusivamente à maternidade diminuiu e a capacidade de providenciar as necessidades dos filhos à medida que estes cresciam melhorou;</p> <p>3) houve um aumento no período de tempo de ninho vazio, o que por sua vez veio aumentar o rendimento familiar visto a mulher procurar emprego fora de casa após a saída dos filhos. Com o aumento do rendimento familiar, o casal pôde ajudar os filhos a adquirirem casa própria;</p> <p>4) após a saída de casa dos filhos, alguns casais mudam para casas mais pequenas;</p> <p>O autor diminui para 5 as fases do CVF, ao considerar que esta termina com a morte de um dos cônjuges. Glick sugere estudos adicionais que reflitam sobre o CV das famílias de casais divorciados, visto o número dessas famílias estar a aumentar. O autor só contemplou as famílias casadas neste estudo, devido a estas serem representativas das famílias americanas da década de 1975 (85%, segundo os censos).</p>
11	Fixation and Regression in the Family Life Cycle	Barnhill, L. R. & Longo, D.	Family Process	1978	Qualitativa	<p>Barnhill e Longo exploram a utilidade da abordagem desenvolvimental da família, utilizando os conceitos de fixação e regressão associados às fases do CVF. Para os autores, estes dois conceitos ajudam o terapeuta no trabalho com as famílias que recorrem à terapia.</p> <p>Barnhill e Longo sintetizam o modelo de 9 fases de CVF proposto por Duvall, e adaptam-no para que ele possa ser utilizado no contexto terapêutico.</p>

Quadros de Síntese de Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
11	Fixation and Regression in the Family Life Cycle	Barnhill, L. R. & Longo, D.	Family Process	1978	Qualitativa	(Continuação) Os autores explicam a aplicação dos conceitos de fixação e regressão no modelo de CVF e formulam os princípios chave que devem ser trabalhados nas transições que se dão entre cada fase(para eles são mais importantes as transições entre fases do que as fases propriamente ditas). Por fim, os autores apresentam alguns casos clínicos para ilustrar a aplicação dos conceitos de fixação e regressão no desenvolvimento familiar das famílias que recorrem à terapia.
12	A Modernized Family Life Cycle	Murphy, P. E. & Staples, W. A.	Journal of Consumer Research	1979	Qualitativa	Murphy e Staples consideram importante rever os modelos de CVF existentes, visto existirem diversas mudanças sociais na família que influenciam os mesmos. Os autores mostram a evolução histórica do conceito de CVF e dos diferentes modelos existentes, apontam algumas críticas e propõem um novo modelo de 13 fases para ser utilizado na sociologia e no marketing. Neste modelo são contempladas algumas famílias que foram excluídas de estudos, nomeadamente famílias divorciadas, reconstituídas, de viúvos e sem filhos. O modelo proposto pelos autores utiliza a idade do provedor da família, o estatuto conjugal e a idade dos filhos do casal para determinar cada uma das fases e o seu tempo de duração.
13	Family Development and the Life Course: Two Perspectives on Family Change	Aldous, J.	Journal of Marriage and Family	1990	Qualitativa	Aldous faz uma avaliação da abordagens do desenvolvimento familiar e da abordagem de curso de vida no estudo das mudanças que se dão na família ao longo do seu desenvolvimento. A autora começa por fazer uma breve descrição de cada uma das abordagens e discute alguns dos estudos que seguem essas abordagens, mostrando os principais problemas que surgem do ponto de vista da investigação.

Quadros de Síntese de Modelos de CV da Família Nuclear Intacta

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
13	Family Development and the Life Course: Two Perspectives on Family Change	Aldous, J.	Journal of Marriage and Family	1990	Qualitativa	(Continuação) Aldous conclui que as duas abordagens são importantes e se complementam. Quando se opta por utilizar apenas uma das abordagens, torna-se difícil fazer generalizações, uma vez que existem demasiadas variáveis individuais a afetar as mudanças que se dão nas famílias.

Anexo 2

Quadros de Síntese de Modelos de CV das Novas Formas de Família

Quadros de Síntese de Modelos de CV das Novas Formas de Família

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
1	Life cycle stages for types of single parent families: of family development theory	Hill, R.	Family Relations	1986	Quantitativa e qualitativa	<p>Hill faz uma comparação entre os CVF de famílias nucleares intactas e três tipos de famílias monoparentais (1-mãe divorciada que volta a casar;2- mãe divorciada que permanece solteira; 3- mãe viúva que volta a casar),e as transições críticas pelas quais passam estas famílias.</p> <p>Hill começa por explicar que o conceito de CVF surgiu pela primeira vez em 1906, num artigo publicado por Rowntree no qual é estudada a pobreza das famílias britânicas ao longo do desenvolvimento familiar. Segundo Rowntree(cit. In Hill, 1986),as famílias situam-se abaixo do limiar da pobreza quando nascem os filhos e saem temporariamente desse limiar quando os filhos residem com eles e contribuem financeiramente. Quando os filhos saem de casa dos pais, a família volta a ser pobre, não só porque deixa de poder contar com o salário dos filhos, mas também porque habitualmente nessa altura o progenitor deixa de ter emprego.</p> <p>Hill faz um breve resumo da evolução do conceito de CVF e apresenta o modelo por ele proposto em conjunto com Duvall em 1948.</p> <p>De seguida, o autor aborda a teoria de crise proposta por Rapoport e mostra a sua aplicabilidade no desenvolvimento familiar. Hill acrescenta uma 5ª crise de transição ao modelo da autora: a crise da diminuição da parentalidade.</p> <p>O autor mostra a prevalência de diferentes tipos de famílias monoparentais nos EUA e faz um estudo comparativo entre as famílias nucleares intactas e três tipos de famílias monoparentais, através dos censos de 1979.</p>

Anexo 3

Quadros de Síntese do CVF de Outros Países

Quadros de Síntese do CVF de Outros Países

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
1	The Family Cycle in India and the United States	Collver, A.	American Sociological Review	1963	Quantitativa e qualitativa	<p>Collver estabelece uma comparação entre o CV das famílias na Índia Rural e nos EUA.</p> <p>A amostra da população indiana foi obtida de forma aleatória em 1956 ,a partir de 60 vilas, totalizando 1199 agregados familiares constituídos por 7598 habitantes, 1689 casais com os dois cônjuges vivos, 231 viúvos e 418 viúvas.</p> <p>A amostra americana foi obtida a partir do artigo publicado por Glick em 1947.</p> <p>O autor mostrou que as famílias indianas possuem algumas características culturais que fazem com que o seu CVF se dê de forma contínua sem grandes marcadores entre fases, chegando a existir uma sobreposição de fases em algumas situações devido à coabitação de várias gerações na mesma casa.</p> <p>Um dos fatores que contribui para esse facto é o casamento dar-se muito cedo. Habitualmente a noiva fica a viver com os progenitores após a oficialização do casamento (shadi) e só após a consumação do mesmo (gauna) vai residir com o marido na casa dos progenitores deste.</p> <p>Com o nascimento do primeiro filho do casal, a esposa regressa temporariamente a casa dos progenitores, para que a sua mãe lhe ensine as tarefas associadas à maternidade.</p> <p>O marido fica sempre a residir em casa dos progenitores.</p> <p>Outra característica que influencia o CV das famílias indianas é a taxa elevada de nascimentos e de mortalidade.</p> <p>A maior diferença encontrada por Collver dá-se na idade da esposa na altura do nascimento do primeiro filho (é mais precoce na Índia rural) e no tempo de maternidade (é mais longo na Índia).</p>

Quadros de Síntese do CVF de Outros Países

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
2	Life Cycle Patterns in Japan, China, and the United State	Morioka, K.	Journal of Marriage and Family	1967	Quantitativa e qualitativa	<p>Morioka propôs-se clarificar as características do CV da família japonesa e comparar o CVF com o das famílias americana e chinesa.</p> <p>O autor descreve as três abordagens que utilizam o conceito de CVF no Japão e salienta aquela que é por ele utilizada no presente artigo: o CVF é visto como um processo, no qual a ênfase é colocada no complexo de papéis que se associam a cada uma das fases.</p> <p>Uma das dificuldades encontrada pelo sociólogo prende-se com o estabelecimento de fases de CV que não se relacionem meramente com alterações no agregado familiar e que representem as mudanças que se dão no complexo de papéis.</p> <p>A família japonesa é tipicamente constituída por duas ou três gerações que vivem juntas na mesma casa e possuem o mesmo nome de família (do marido). Se a família for vista como uma forma composta de famílias nucleares, uma de cada geração, consegue-se comparar o CV da família japonesa com o das famílias americana e chinesa.</p> <p>Utilizando a liderança familiar como critério de demarcação de fases do CV, conseguem delinear-se 3 fases: 1) dois casais de duas gerações seguidas coabitam e a liderança familiar recai sobre o pai; 2) o pai já está reformado ou morreu e o seu filho assume a liderança da família; 3) a mãe também já está morta e a família nuclear da geração mais nova fica a residir sozinha. Com o casamento do herdeiro, a família passa novamente para a fase 1.</p> <p>Morioka apresenta numa tabela os dados destas fases em três eras distintas (1930, 1950 e 1960) a partir dos dados dos censos do Japão.</p> <p>O autor descreve a família nuclear americana, a família tradicional chinesa (não a da atualidade mas a de quando o Japão ocupou militarmente a China).</p>

Quadros de Síntese do CVF de Outros Países

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
2	Life Cycle Patterns in Japan, China, and the United State	Morioka, K.	Journal of Marriage and Family	1967	Quantitativa e qualitativa	<p>(Continuação) Morioka apresenta um modelo de CVF de 4 fases aplicado à família chinesa: 1) fase de um agregado familiar nuclear desde a sua formação no casamento, até que o filho mais velho casa; 2) a fase de um agregado familiar constituído por várias gerações, desde o casamento do filho mais velho até ao casamento do segundo filho (habitualmente só existem dois filhos); 3) a fase de um agregado familiar conjunto, com cunhados a residir sob o mesmo teto, desde o casamento do segundo filho até à morte dos seus pais; 4) a fase de um agregado familiar conjunto sem que existam ancestrais comuns vivos.</p> <p>O autor utiliza os dados demográficos propostos por Glick para demarcar as fases do CVF e compara os CV das famílias americana, japonesa e chinesa, concluindo que a abordagem desenvolvimental (na qual se insere o conceito de CVF) pode ser aplicada não só à família nuclear conjugal (dos EUA), mas também às famílias japonesa e chinesa que são constituídas por mais membros.</p>
3	The Life Cycle of the Yugoslav Peasant Farm Family	First-Dilić, R.	Journal of Marriage and Family	1974	Quantitativa e qualitativa	<p>No estudo foi utilizada uma amostra de 158 famílias nucleares completas e de 27 casais de idosos de 16 vilas na República Socialista da Croácia (Jugoslávia). Os dados foram recolhidos entre 1969 e 1970 e foi feita uma análise da divisão do trabalho entre o par conjugal e o nível de poder em diferentes áreas de funcionamento da família. As unidades de análise (tarefas e decisões) foram combinadas numa medida composta de forma a poder derivar padrões de relação dos papéis conjugais em cada uma das áreas, assim como da família como um todo.</p>

Quadros de Síntese do CVF de Outros Países

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
3	The Life Cycle of the Yugoslav Peasant Farm Family	First-Dilić, R.	Journal of Marriage and Family	1974	Quantitativa e qualitativa	(Continuação) Foram utilizados 5 indicadores para estabelecer as 7 fases do CV da família de agricultores: a idade do marido, a idade da esposa, o tamanho da família, o tempo de duração do casamento e o tempo da duração de cada fase.
4	Recalled, Present, and Predicted Satisfaction in Stages of the Family Life Cycle in New Zealand	Smart, M. S. & Smart, R. C.	Journal of Marriage and Family	1975	Quantitativa e qualitativa	Os autores procuraram saber se existiriam diferenças nos níveis de satisfação familiar de duas populações que vivem em ambientes muito diferentes e possuem questões éticas e culturais distintas (Nova Zelândia e EUA). Smart e Smart colocam a hipótese de que a satisfação seja melhor percebida na ilha do que nos EUA e pretendem ainda analisar a satisfação familiar nas diferentes fases do CVF e comparar com os dados do estudo americano realizado por Rollins e Feldman em 1970 (que mostraram uma diminuição da satisfação familiar após a chegada dos filhos, atingindo o valor mínimo de satisfação na adolescência dos filhos). O trabalho de Rollins e Feldman mostrou que as mulheres eram mais responsivas às mudanças na satisfação do que os homens e Smart e Smart pretendiam verificar se tal diferença se dava na amostra neozelandesa. A amostra do estudo era constituída por 191 homens e 285 mulheres recolhida de um total de 50000 habitantes de uma cidade e de uma área rural. Os participantes responderam a um questionário sobre a satisfação familiar que pretendia avaliar a satisfação na fase em que se encontravam, nas fases pelas quais já tinham passado e nas que se avizinhavam. A amostra não foi aleatória e não possuía elementos da primeira fase.

Quadros de Síntese do CVF de Outros Países

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
4	Recalled, Present, and Predicted Satisfaction in Stages of the Family Life Cycle in New Zealand	Smart, M. S. & Smart, R. C.	Journal of Marriage and Family	1975	Quantitativa e qualitativa	<p>(Continuação) As fases de CVF do estudo eram 8: 1) casal recém casado sem filhos; 2) família com filho mais velho com 2 anos no máximo; 3) família com filho mais velho até 5 anos e com crianças em idade pré-escolar em casa; 4) família com filho mais velho com 13 anos no máximo e com crianças em idade escolar; 5) família com o filho mais velho com 20 anos no máximo e restantes filhos adolescentes; 6) família com filho mais velho a viver fora de casa (no caso de se dever à ida para a universidade, considera-se a família como estando na 5ª fase); 7) família cujo filho mais novo já saiu de casa e o casal já é avô; 8) família na reforma.</p> <p>A amostra neozelandesa mostrou-se mais satisfeita em geral do que a amostra americana; o grau de satisfação apresentava uma curva em forma de u semelhante à dos resultados dos EUA, mas o ponto no qual as famílias mostravam menos satisfação era na fase pré-escolar. A percepção de satisfação atual era em geral mais elevada do que a satisfação expectável e a satisfação passada. Foram encontradas discrepâncias elevadas nos níveis de satisfação da realidade e da expectativa referente às fases de família com crianças pequenas, com crianças em idade escolar, com filhos adolescentes e na reforma.</p>
5	Age and Economic Dependency in Peru: A Family Life-Cycle Analysis	Tienda, M.	Journal of Marriage and Family	1980	Quantitativa e qualitativa	<p>O estudo analisa a maneira como as famílias peruanas tentam mitigar a dependência social: 1) através da inclusão no agregado familiar de membros que não fazem parte da família nuclear; 2) através da utilização da mão de obra dos vários membros da família (por vezes até das crianças).</p>

Quadros de Síntese do CVF de Outros Países

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
5	Age and Economic Dependency in Peru: A Family Life-Cycle Analysis	Tienda, M.	Journal of Marriage and Family	1980	Quantitativa e qualitativa	<p>(Continuação) A análise foi feita com base nos dados recolhidos em 1970 pelo Centro Estatístico da Mão de Obra do Serviço de Emprego e Recursos Humanos do Perú, a partir de uma amostra probabilística estratificada em vários níveis que fornece uma ampla gama de informações sobre a população e a sociedade peruanas.</p> <p>Da amostra inicial faziam parte 5487 famílias, num total de 30360 indivíduos e a mesma era representativa quer do meio rural, quer do meio urbano.</p> <p>Foram excluídos os agregados familiares constituídos por outros membros que não os pais e filhos, assim como as famílias monoparentais. Também se excluíram as famílias que não forneciam dados para todas as variáveis, reduzindo o tamanho da amostra para um total de 4118 famílias.</p> <p>As variável dependente utilizada no estudo foi a dependência , que foi especificada em termos da idade dos elementos da família, da participação no mercado de trabalho e da composição do agregado familiar.</p> <p>As variáveis independentes consistiam no tamanho do agregado familiar e nas fases do CVF.</p> <p>O CVF foi operacionalizado por 6 fases definidas pelas medidas convencionais de dependência financeira; pelos censos peruanos sobre a participação no mercado de trabalho; pelo modelo de CVF proposta por Duvall em 1957 e pela ideia de que os filhos podem ser considerados adultos a partir dos 19 anos.</p>
6	The Family Cycle in Twentieth Century Canada	Rodgers, R. H. & Witney, G.	Journal of Marriage and Family	1981	Quantitativa e qualitativa	<p>A partir dos dados dos censos e das estatísticas vitais do Canadá, os autores compararam o CV da família canadiana com o CVF proposto por Glick em 1977.</p> <p>Os dados obtidos e a metodologia seguida foram um pouco diferentes dos utilizados por Glick, mas permitiam a comparação entre as duas populações.</p>

Quadros de Síntese do CVF de Outros Países

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
6	The Family Cycle in Twentieth Century Canada	Rodgers, R. H. & Witney, G.	Journal of Marriage and Family	1981	Quantitativa e qualitativa	(Continuação) Os resultados mostraram as seguintes diferenças entre as duas populações: 1) as famílias canadianas adiam a maternidade mais tempo; 2) o tempo espaçado entre o nascimento dos filhos é mais curto no Canadá; 3) o último filho a casar fá-lo mais cedo no Canadá do que nos EUA; 4) os casais canadenses vivem mais tempo sem terem filhos a residirem com ele do que os casais dos EUA ; 5)os canadenses têm casamentos mais longos e um período sem filhos mais longo do que os americanos.
7	Women's Work in Mexico and Canada: The Constraints of Various Dimensions of SES and Family Life Cycle	Brinkerhoff, M.	Journal of Comparative Family Studies	1982	Quantitativa e qualitativa	<p>Brinkerhoff comparou a participação das mulheres no mundo do trabalho no México e no Canadá, utilizando o estatuto socioeconómico, o tamanho da família e as fases do CV como variáveis que possam influenciar essa participação.</p> <p>O autor chama à atenção para o facto dos resultados deste estudo não poderem ser aplicados noutras sociedades, devido às diferenças culturais. Por exemplo, no México é expectável que as mulheres casadas permaneçam em casa e que sejam os maridos a trabalhar fora de casa.</p> <p>Os dados da amostra foram recolhidos entre os finais de 1975 e inícios de 1976, a partir de amostras aleatórias de nomes e moradas de uma lista telefónica de Calgary (cidade canadense). Só foram incluídos casais heterossexuais que viviam juntos, fossem ou não casados.</p> <p>A amostra de Mérida (México) foi obtida a partir de formulários municipais que exigem que todas as famílias listem anualmente os elementos do seu domicílio, as suas idades, estatuto conjugal e ocupações. Desses registos foi obtida uma amostra aleatória de 264 casais, que foi entrevistada. Esta amostra teve de ser estratificada para permitir o estudo comparativo.</p>

Quadros de Síntese do CVF de Outros Países

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
8	The Life Cycle of the Japanese Family	Kumagai, F	Journal of Marriage and Family	1984	Quantitativa e qualitativa	<p>Kumagi comparou os CV das famílias japonesa, americana e canadiana. Para estabelecer um modelo de CVF japonês, o autor utilizou os dados do Anuário Estatístico do Japão de 1949 a 1981 e do Relatório do Centro de Estudos da População de 1981. Os dados referentes à amostra americana constavam no artigo publicado por Glick em 1977 e os dados da amostra canadense foram publicados em 1981 por Rodgers e Witney.</p> <p>O autor propôs-se analisar os dados da população japonesa tentando responder a duas questões: 1)Quais são as mudanças que ocorrem no CVF das mulheres japonesas? 2) Será o desenvolvimento do CVF do Japão semelhante ao que ocorre nos EUA e no Canadá?</p> <p>Como se trata de um estudo de replicação, a metodologia empregue foi semelhante à dos estudos prévios. Um dos problemas que surgiu neste estudo foi a delimitação da idade das mulheres quando estas tinham filhos. Esse dado não constava dos dados estatísticos prévios a 1940, pelo que se teve de recorrer a uma interpolação de regressão linear para calcular os nascimentos das décadas de 1910 e de 1920 a partir dos dados estatísticos de 1940).</p> <p>O autor descobriu que: 1) a população japonesa casa mais tarde, tem filhos mais cedo e tem um período de maternidade muito curto em relação às outras populações; 2) o tempo de sobrevivência do casal é semelhante nos três países; 3) o casal japonês passa por um período pós saída de casa dos filhos mais longo.</p>

Quadros de Síntese do CVF de Outros Países

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
9	Family diversity and the life cycle	Rowland, d. T.	Journal of Comparative Family Studies	1991	Qualitativa e quantitativa	<p>Tendo em conta o facto de existirem cada vez mais casais a viverem juntos sem se casar e a opção de poder escolher ter filhos, o CVF tornou-se inútil para estudar a história conjugal e a história de fertilidade da uma grande parte da população.</p> <p>Rowland apresentou um novo quadro conceptual para estudar o desenvolvimento familiar contemporâneo durante os primeiros anos de casamento e de maternidade. Em vez de sugerir um novo conjunto de fases, o autor propôs uma classificação dos tipos de CV esperenciados pela maioria da população, incluindo as famílias monoparentais, os casais sem filhos e as famílias reconstituídas.</p> <p>Rowland fez um breve resumo das alternativas ao CV da família nuclear intacta; apresentou a classificação e os critérios utilizados para a mesma e os tipos de CV identificados. No fim, o autor apresentou uma aplicação deste novo quadro conceptual no estudo do desenvolvimento familiar da Austrália, ilustrando os novos percursos da formação da família e a diferença entre as idades de casamento e de maternidade entre 1961 e 1986.</p> <p>Os critérios de classificação utilizados por Rowland são: 1) existência de um adulto solteiro ou de um casal na casa; 2) existência de crianças na casa; 3) estatuto conjugal dos adultos; 4) filhos a residirem apenas com os pais biológicos ou com um padrasto/madrasta. A partir destes critérios, o autor encontrou 10 categorias que denotam tipos de CVF distintos. A partir destas 10 categorias, podem ser observadas 22 possíveis transições através do casamento, da dissolução precoce do casamento, da reconstituição e da maternidade.</p> <p>Nesta classificação foram incluídas as pessoas solteras que nunca casaram, que habitualmente eram omissas na investigação do CVF.</p>

Anexo 4

Quadros de Síntese dos Modelos Desenvolvimentais Alternativos ao Conceito de CVF

Quadros de Síntese dos Modelos Desenvolvimentais Alternativos ao Conceito de CVF

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
1	The family life cycle: some suggestions for recycling	Feldman, H. & Feldman, M.	Journal of Marriage and Family	1975	Qualitativa	<p>Os autores fazem a distinção entre a família da vida (ou família do ego) e a família geracional (a família ao longo da vida) e sugerem que se utilize o termo carreira de vida familiar e ciclo de família geracional.</p> <p>A carreira familiar é utilizada para descrever a participação de uma pessoa na família ao longo da sua vida. No contexto de tempo de vida, a carreira familiar sub-divide-se em 4 sub-carreiras: 1) a carreira da experiência sexual; 2) a carreira da conjugalidade; 3) a carreira parental com uma criança; 4) a carreira parental com um adulto. Ao utilizar as 4 sub-carreiras como base de análise, qualquer indivíduo pode ser categorizado dentro das posições que ele ocupa.</p> <p>O indivíduo pode ocupar uma, várias, todas ou nenhuma posição num dado momento. Todos os adultos podem ser colocados dentro de categorias. Quando eles passam de categoria de forma progressiva, tais como acontece com a categoria idade, essas categorias podem ser encaradas como etapas.</p> <p>Os autores finalizam o artigo propondo que se utilizem estudos longitudinais de curta duração como estratégia de pesquisa aplicável nos pontos de intersecção das sub-carreiras familiares.</p>
2	A developmental model for family systems	Combrinck-Graham, L.	Family Process	1985	Qualitativa	<p>A psiquiatra Combrinck-Graham faz começa por fazer o contexto histórico de alguns conceitos desenvolvimentais e apresenta alguns problemas na sua aplicação em relação ao sistema família.</p>

Quadros de Síntese dos Modelos Desenvolvimentais Alternativos ao Conceito de CVF

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
2	A developmental model for family systems	Combrinck-Graham, L.	Family Process	1985	Qualitativa	(Continuação) A autora propõe um modelo desenvolvimental alternativo, em forma de espiral, no qual dá ênfase às mudanças na estrutura da família ao longo do ciclo de vida individual de cada elemento. Combrinck-Graham finaliza o artigo descrevendo a utilização clínica deste modelo.

Anexo 5
Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
1	Family life cycle as na indepndent variable	Lansing, J. B. & Kish, L.	American Sociological Review	1957	Quantitativa e qualitativa	<p>Várias vezes são utilizados como variáveis independentes dados demográficas (ex. idade). Os autores acham importante ter em conta o significado dessas variáveis quando elas são utilizadas para tentar prever alguns comportamentos. A idade do provedor da família é uma variável habitualmente utilizada, Tem várias vantagens, entre elas poder ser utilizada como escala métrica contínua que permite estudar correlações formais. Mas quando os dados da idade são apresentados por classe de intervalos em tabelas, essa vantagem perde-se.</p> <p>Lansing e Kish apresentam o CVF como variável alternativa e mostram algumas das vantagens da sua utilização. Há várias mudanças comportamentais que ocorrem à medida que as pessoas envelhecem, mas muitas delas são mais influenciadas pela pertença à sua família do que pelo processo biológico de envelhecimento. As datas mais relevantes na vida dos sujeitos relacionam-se com mudanças que ocorrem no seu estatuto familiar, tais como a altura em que casa ou que tem o primeiro filho.</p> <p>Neste trabalho os autores utilizaram o CVF como variável independente e o salário e gastos de consumo como variáveis independentes.</p> <p>A amostra foi recolhida a partir dos dados publicados pelo Levantamento de Finanças do Consumidor de 1955, num total de 3000 entrevistas conduzidas entre janeiro e fevereiro de 1955 em 12 áreas metropolitanas dos E.U.A..</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
1	Family life cycle as an independent variable	Lansing, J. B. & Kish, L.	American Sociological Review	1957	Quantitativa e qualitativa	<p>(Continuação) Os autores propuseram um modelo de CVF de 7 fases: 1) jovem solteiro(a); 2) jovens casados, sem filhos; 3) jovens casados, com o filho mais novo com menos de 6 anos; 4) jovens casados, com filho mais novo com mais de 6 anos; 5) casal maduro com filhos a residir na mesma casa; 6) casal maduro sem filhos a residir na mesma casa; 7) viúvo(a).</p> <p>Lansing e Kish concluíram que o CVF pode ser utilizado para calcular a variação em 6 características económicas (ter casa própria, ter empréstimos, a esposa trabalhar, ter um salário superior e 4000 dólares, comprar um carro novo, comprar uma televisão), mostrando um poder explicativo superior ao da idade.</p>
2	Toward a theory of family development	Rodgers, R. H.	Journal of marriage and Family	1964	Qualitativa	<p>Rodgers descreve alguns conceitos que fazem parte da abordagem do desenvolvimento familiar (família, posição, norma, papel e função, carreira familiar), explica o desenvolvimento desta abordagem e enumera alguns autores que a seguem.</p>
3	Methodological Issues in Family Development Research	Hill, R.	Family Process	1964	Qualitativa	<p>Hill apresenta um resumo do quadro conceptual do desenvolvimento familiar, mostrando os modelos de CV propostos por Duvall e Rodgers e explica os problemas que surgem na operacionalização dos seus conceitos chave no estudo longitudinal das famílias. O autor apresenta algumas soluções para contornar os problemas da pesquisa e considera o modelo de Rodgers mais indicado para o estudo do cv, uma vez que este tem em conta a heterogeneidade das famílias dentro de uma dada fase (o facto de existirem filhos com idades distintas numa dada fase, implica tarefas desenvolvimentais diferentes em simultâneo).</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
4	Marital satisfaction over the family life cycle	Rollins, B C. & Feldman, H.	Journal of Marriage and Family	1970	Quantitativa e qualitativa	<p>(Cont.) Rollins e Feldman estudaram a satisfação conjugal ao longo do CVF. A amostra foi constituída por 799 famílias de classe média dos E.U.A. que em 1960 responderam a um questionário sobre satisfação conjugal.</p> <p>O modelo de CVF utilizado pelos autores era semelhante ao de Duvall (também tinha 8 fases definidas a partir da idade do filho mais velho).</p> <p>Foi feita uma revisão literária de 12 estudos sobre satisfação conjugal ao longo do CVF e posteriormente comparados os dados desses estudos com os obtidos pelo questionário.</p> <p>Foram utilizados 4 indicadores de satisfação conjugal: rir juntos, discutir clamamente um com o outro, ter troca de ideias estimulante um com o outro e trabalharem juntos para um projecto comum.</p> <p>Os resultados foram semelhantes na satisfação conjugal dos dois cônjuges em dois indicadores: a diminuição significativa da experiência de companheirismo desde o casamento até à fase "família com crianças em idade pré-escolar", com uma estabilização posterior nas fases seguintes.</p> <p>A estimulação de actividades comuns diminuiu com o passar do tempo.</p> <p>A satisfação na presente fase do CVF onde se encontravam era mais altas para os dois cônjuges nas fases "família na maternidade" e "família com crianças pequenas".</p> <p>Os dois índices nos quais haviam discrepância referiam-se ao estado afectivo subjectivo de cada indivíduo relativamente ao seu casamento. Em geral os homens pareciam ser menos afectados pela etapa do CVF do que as mulheres.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
4	Marital satisfaction over the family life cycle	Rollins, B C. & Feldman, H.	Journal of Marriage and Family	1970	Quantitativa e qualitativa	<p>As esposas tinham um decréscimo na satisfação conjugal na fase "família na maternidade" , que se mantinha até à saída de casa. Após a fase "família na maternidade" ambos os cônjuges mostraram uma diminuição na satisfação conjugal na fase da reforma.</p> <p>Para os maridos, a diminuição do companheirismo não contribuiu para a diminuição da satisfação conjugal.</p> <p>A satisfação conjugal dos homens era menor na fase da reforma.</p> <p>Os autores concluem o artigo propondo que se utilizem teorias desenvolvimentais de satisfação conjugal distintas para os homens e as mulheres, uma vez que as mulheres são mais influenciadas por alterações nos papéis parentais e os homens por alterações nos papéis relacionados com a sua ocupação.</p>
5	This family life cycle- na impossible concept?	Trost, J.	International Journal of Sociology of the Family	1974	Qualitativa	<p>O sociólogo faz um breve resumo da abordagem desenvolvimental, na qual está inserido o conceito de CVF e apresenta os modelos de Hill, Duvall, Aldous e Rodgers.</p> <p>O autor conclui que existem diversos problemas em utilizar o conceito como ferramenta de estudo, uma vez que não existe acordo quanto ao número, indicadores e transições entre fases, nem ao modelo mais adequado para representar o desenvolvimento familiar. No entanto, quando utilizado com cuidado, pode ser uma boa ferramenta de ensino.</p> <p>Em alternativa aos modelos descritos, Trost propõe a utilização de um sistema de código numérico de n números, no qual o n corresponde às variáveis que se pretende utilizar para definir as diferentes fases do desenvolvimento familiar.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
6	Family history and the life course	Elder, G. H.	Journal of Family History	1977	Qualitativa	<p>O autor faz uma revisão dos conceitos básicos utilizados para a definição da perspectiva de curso de vida enquanto quadro de análise dos indivíduos e das famílias ao longo do tempo.</p> <p>Elder começa por definir a perspectiva de curso de vida individual, focando-se nos conceitos de carreira individual e de transição de papéis e finaliza com a perspectiva de curso de vida familiar, na qual este é visto como uma interdependência das histórias de vida dos membros que constituem a família.</p> <p>Na última parte do artigo, o autor analisa o CVF e relaciona-o com uma formulação geral de curso de vida.</p>
7	An Empirical Evaluation of the Family Life Cycle	Spanier, G. B., Sauer, W. & Robert Larzelere, R.	Journal of Marriage and Family	1979	Quantitativa	<p>Os autores comparam as fases de CVF com os dados de casamentos e nascimentos através de três abordagens: uma análise de classificação cruzada; uma análise de variância e uma análise linear para contingência multidimensional.</p> <p>O objectivo do estudo era estudar qual seria o melhor esquema para estudar o desenvolvimento família : as fases de CVF, os dados de coorte respectivos à idade ou o tempo de duração do casamento.</p> <p>A amostra consistiu em 10000 sujeitos e foi retirada dos dados de censos de 1970.</p> <p>O esquema de CVF utilizado foi adaptado a partir do modelo proposto por Duvall na década de 70, diminuindo-o para 7 fases por forma a que todas as pessoas casadas nos EUA em 1970 pudessem ser categorizadas em apenas uma das fases. De forma semelhante, os indivíduos foram caracterizados de acordo com a idade que tinham e com o tempo de duração do casamento.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
7	An empirical evaluation of the family life cycle	Spanier, G. B., Sauer, W. & Robert Larzelere, R.	Journal of Marriage and Family	1979	Quantitativa	<p>(Cont.) Procedeu-se a uma análise descritiva, estratificando o CVF em 7 fases: 1) casal casado há menos de 6 anos, sem filhos; 2) casal com um filho mais velho com menos de 6 anos; 3) casal com filho mais velho entre os 6 e os 12 anos; 4) casal com filho mais velho entre os 13 e os 20 anos; 5) casal com pelo menos um dos filhos a residir com eles; 6) casal sem filhos a residirem na mesma casa; 7) casal sem filhosba residirem na mesma casa e com o marido reformado.</p> <p>Os autores concluíram que nenhum esquema de estratificação providencia uma melhor demarcação entre as fases do CVF, apesar da idade o fazer em algumas situações.</p> <p>A utilização combinada dos dois esuqemas de estratificação (idade e tempo de duração do casamento) aumentou a preeditabilidade das variáveis dependentes.</p> <p>Os autores sugerem que talvez seja mais útil utilizar os pontos de transição entre fases do desenvolvimento, de acordo com as variáveis que se pretendam estudar, do que os habituais modelos de fases de CVF.</p> <p>O esquema de estratificação etária pode ser útil para comparar um conjunto de fases desenvolvimentais, mas por si só não tem utilidade uma vez que só serve de variável marcadora.</p> <p>Os autores não se opõem aos esquemas estratificados de fases do CVF, mas consideram que outros esquemas de estratificação possam ser mais úteis, dependendo das variáveis que estejam em estudo (por exemplo, o tempo de duração do casamento e a idade dos sujeitos investigados).</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
8	The family life cycle: Empirical or conceptual tool?	Nock, S. L.	Journal of Marriage and Family	1979	Quantitativa	<p>Alguns estudos prévios demonstraram que as dimensões empíricas mais importantes no CVF são a presença de crianças e o tempo de duração do casamento. No estudo, Nock pretende demonstrar a relação entre diversas variáveis da vida familiar e as fases do CVF, as quais desaparecem quando o efeito da duração do casamento é retirado das relações.</p> <p>O autor considera a abordagem desenvolvimental (na qual se insere o conceito de CVF) útil para estudar diversos aspectos da vida familiar, ao focar-se nos processos e nas mudanças que ocorrem na família. No entanto, a abordagem tem tido uma maior aplicação conceptual do que empírica. Em parte devido ao conceito ser ambíguo. Não se sabe quais os eventos que são importantes no CV nem as dimensões que estão envolvidas nas mudanças de fase e de que forma predizem ou explicam os eventos familiares.</p> <p>Através de uma revisão da literatura, Nock encontrou algumas dimensões comuns aos diferentes modelos de CVF: o casamento (que habitualmente marca a primeira etapa); a presença de crianças (o nascimento do primeiro filho marca o fim da primeira etapa e o início de uma nova); o amadurecimento da criança (assume-se que com o seu amadurecimento os papéis e as relações familiares alteram-se); a saída de casa do filho mais velho (que marca uma nova etapa habitualmente designada "ninho vazio"); a reforma; e a morte de um dos cônjuges.</p> <p>Para este estudo, o autor optou por utilizar um modelo de CVF parecido ao que foi definido por Duvall, mas reduziu-o para 7 fases.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
8	The family life cycle: Empirical or conceptual tool?	Nock, S. L.	Journal of Marriage and Family	1979	Quantitativa	<p>(Cont.) As variáveis independentes do estudo eram a presença de crianças, a duração do casamento e as fases do CVF (que incluíam as duas variáveis prévias). As variáveis independentes eram os recursos instrumentais, os sentimentos expressos e as atitudes pessoais.</p> <p>A amostra foi obtida a partir da pesquisa de Qualidade de Vida Americana conduzida pelo Centro de Pesquisa do Instituto de Investigação Social da Universidade do Michigan. A pesquisa foi realizada em 1971, como uma pesquisa nacional de probabilidade de área com uma amostra total de 2164 adultos não institucionalizados. A amostra deste estudo totalizou 1746 indivíduos.</p> <p>Os itens utilizados para avaliar os recursos instrumentais foram: ocupação; rendimento familiar; educação; horas gastas no trabalho por semana; nº de quartos na casa; empregabilidade da esposa nos últimos anos; saúde dos indivíduos.</p> <p>Os itens utilizados para avaliar os sentimentos expressos foram: grau de satisfação com o casamento; nº de vezes que pensou em divorciar-se; nº de vezes em que desejou ter casado com outra pessoa; companheirismo (frequência com que o casal realizou actividades conjuntas); grau percebido com que compreendem o cônjuge; grau percebido com que o cônjuge o compreende; frequência de desentendimentos relacionados com dinheiro e finanças; grau no qual as crianças são vistas como um problema; grau de satisfação com a parentalidade; grau de satisfação obtida a partir da família; grau de satisfação obtida a partir dos amigos; grau de satisfação obtida a partir do padrão de vida; grau de satisfação obtida a partir da residência.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
8	The family life cycle: Empirical or conceptual tool?	Nock, S. L.	Journal of Marriage and Family	1979	Quantitativa	<p>(Cont.) Os itens utilizados para avaliar as atitudes foram: desejo em mudar de área de residência ou manter-se na actual; sentimento de liberdade pessoal; grau de força da religião; grau de importância de adquirir uma grande quantidade de dinheiro; importância da família na vida pessoal; nº de grupos de voluntariado ao qual pertence; crença de que a vida nos EUA está a melhorar ou a piorar; satisfação geral com a vida nos EUA; satisfação com o trabalho.</p> <p>Nock alertou para a arbitrariedade dos itens, mas justificou a sua utilização explicando que estes devem servir para medir as dimensões em causa, pelo que se os itens definidos variarem de acordo com as fases do CVF, deve-se considerar que o conceito é útil para a investigação empírica.</p> <p>O autor concluiu que o conceito de CVF se mostra útil conceptualmente ao ser multidimensional e incluir variáveis para além das variáveis estudadas(duração de casamento e presença de crianças).O conceito não é útil empiricamente, uma vez que não mostra relação empírica entre as fases do CVF e as variáveis dependentes estudadas (recursos instrumentais, sentimentos expressos e atitudes pessoais).</p>
9	Three Blind Mice: Misleading Criticisms of the "Family Life Cycle" Concept	Klein, D., Aldous, K. & Nock, S. L.	Journal of Marriage and Family	1979	Qualitativa	<p>Numa carta dirigida ao editor da revista, Klein e Aldous consideram que os artigos publicados por Schram, por Nock e por Spanier e os seus colaboradores nessa mesma publicação, providenciam conclusões e interpretações erróneas sobre a abordagem desenvolvimental e o conceito de CVF . Segundo os autores, os estudos apresentados apenas se revelaram uma nova versão de estudos desenvolvimentais que já tinham sido realizados.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
9	Three Blind Mice: Misleading Criticisms of the "Family Life Cycle" Concept	Klein, D., Aldous, K. & Nock, S. L.	Journal of Marriage and Family	1979	Qualitativa	<p>(Cont.) Os autores acusam Nock, Spinner e colaboradores de assumirem que a abordagem desenvolvimental e o CVF se limitam conceptualmente aos conceitos de fases de CV, e que a sua utilidade empirica depende da demonstração linear das fases de CV relativamente a variáveis teoricamente interessantes e obtidas através de amostras transversais.</p> <p>Para Klein e Aldous, os resultados e as conclusões alcançadas nestes dois estudos são essencialmente iguais e as fases de CVF não mostram poder preditivo. De certo modo, as elações que Nock, Spanier e colaboradores retiraram a partir dos resultados estatísticos são arbitrários e incorrectos. O desenvolvimento familiar não é linear e os dados de Nock apenas reforçam o argumento repetitivo de que alguns efeitos do CVF têm um efeito curvilíneo. O artigo de spanier e colaboradores utilizou variáveis dependentes inadequadas teoricamente (por exemplo, não faz sentido relacionar o salário com as fases do CVF).</p> <p>Os autores alegam que o objectivo do quadro conceptual do desenvolvimento familiar é apontar as mudanças que ocorrem nos papéis e nos estatutos da família ao longo do seu desenvolvimento. O foco empírico deve recair sobre as transições críticas e sobre os resultados que se podem prever nesse tempo. Assim, uma variável como a entrada de uma criança na família, previsivelmente pode resultar numa menor satisfação conjugal, numa menor satisfação salarial e, particularmente para a mãe, numa menor satisfação com a divisão de tarefas domésticas.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
9	Three Blind Mice: Misleading Criticisms of the "Family Life Cycle" Concept	Klein, D., Aldous, K. & Nock, S. L.	Journal of Marriage and Family	1979	Qualitativa	<p>(Cont.) Uma vez que os dados de Nock e de Spanier comparam um maior nº de famílias nalgumas fases, e que Spanier e os colaboradores utilizam dados impróprios para a análise, os resultados significativos que eles encontram não demonstram a ineficácia do conceito de CVF. Os resultados mostram a robustez do carácter do conceito de CV.</p> <p>Segundo os autores, Nock refere que as categorias de CVF utilizadas não permitem o estudo de famílias não-nucleares. Aldous já o fez, e também outros autores se encontram no início dessas análises.</p> <p>O problema encontrado pelos autores no artigo de Schran está na discussão, na qual a autora aponta alguns problemas metodológicos como tendo por ela sido descobertos e propõe uma leitura metodológica alternativa como se fosse a primeira pessoa a sugerir essa solução. Na experiência dos autores, os estudantes da perspectiva desenvolvimental sempre foram treinados para estar atentos a tais questões e os estudos mais recentes também têm discutido essas questões.</p> <p>Klein e Aldous finalizam a carta pedindo que estudos semelhantes aos de Nock e de Spanier e os seus colaboradores não sejam utilizados para desacreditar a utilidade de um conceito de desenvolvimento familiar (CVF) que nunca teve em vista ser utilizado transversalmente.</p> <p>Nock escreveu uma carta em resposta à carta de Klein e Aldous.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
9	Three Blind Mice: Misleading Criticisms of the "Family Life Cycle" Concept	Klein, D., Aldous, K. & Nock, S. L.	Journal of Marriage and Family	1979	Qualitativa	<p>(Cont.) Uma vez que os dados de Nock e de Spanier comparam um maior nº de famílias nalgumas fases, e que Spanier e os colaboradores utilizam dados impróprios para a análise, os resultados significativos que eles encontram não demonstram a ineficácia do conceito de CVF. Os resultados mostram a robustez do carácter do conceito de CV.</p> <p>Segundo os autores, Nock refere que as categorias de CVF utilizadas não permitem o estudo de famílias não-nucleares. Aldous já o fez, e também outros autores se encontram no início dessas análises.</p> <p>O problema encontrado pelos autores no artigo de Schran está na discussão, na qual a autora aponta alguns problemas metodológicos como tendo por ela sido descobertos e propõe uma leitura metodológica alternativa como se fosse a primeira pessoa a sugerir essa solução. Na experiência dos autores, os estudantes da perspectiva desenvolvimental sempre foram treinados para estar atentos a tais questões e os estudos mais recentes também têm discutido essas questões.</p> <p>Klein e Aldous finalizam a carta pedindo que estudos semelhantes aos de Nock e de Spanier e os seus colaboradores não sejam utilizados para desacreditar a utilidade de um conceito de desenvolvimento familiar (CVF) que nunca teve em vista ser utilizado transversalmente.</p> <p>Nock escreveu uma carta em resposta à carta de Klein e Aldous.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
9	Three Blind Mice: Misleading Criticisms of the "Family Life Cycle" Concept	Klein, D., Aldous, K. & Nock, S. L.	Journal of Marriage and Family	1979	Qualitativa	<p>(Cont.) Nock disse não compreender por que razão a sua investigação foi descrita pelos autores como uma "crítica enganosa do conceito de ciclo vital da família". Segundo ele, quer o seu estudo, quer o estudo de Spanier e colaboradores apenas pretendem mudar as condições nas quais se realiza a pesquisa do desenvolvimento.</p> <p>Segundo o autor, as investigações sobre as dimensões do CVF empiricamente significativas tentam descobrir as transições que devem ser tidas em conta na análise do desenvolvimento familiar. Assumir que a chegada de uma criança irá produzir alterações observáveis na família é uma coisa, testar esta assumpção é outra.</p> <p>Nock diz que s autores querem criar um modelo para cada tipo de família que fuja à "norma", mas que se for possível determinar as dimensões cruciais para a definição do conceito de CV, talvez não sejam necessárias todas essas formulações.</p> <p>O autor diz que Klein e Aldous interpretaram erroneamente o seu objectivo e metodologia. Os autores sugeriram que ele assume que a abordagem de CV é conceptualmente limitada às fases e que a sua utilidade empírica depende da demonstração de que as fases são linearmente relacionadas com variáveis obtidas a partir de amostras transversais. Nock diz que desde o início pretende testar as limitações empíricas e não as limitações conceptuais.</p> <p>O autor concorda com os autores quanto aos efeitos do CVF serem curvilíneos em alguns momentos e quanto às limitações da utilização de dados transversais, as quais ele admitiu no artigo.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
9	Three Blind Mice: Misleading Criticisms of the "Family Life Cycle" Concept	Klein, D., Aldous, K. & Nock, S. L.	Journal of Marriage and Family	1979	Qualitativa	(Cont.) Nock finaliza a sua carta dizendo que sente que os autores não leram o seu artigo, uma vez que se o tivessem feito teriam dado conta que ele está de acordo com todos os pontos que por eles foram levantados na carta escrita ao editor da revista.
10	Critical Transitions Over the Family Life Span	Mederer, H & Hill, R.	Marriage & Family Review	1983	Qualitativo	<p>Mederer e Hill fazem uma revisão dos trabalhos mais recentes sobre a teoria desenvolvimental e sobre as teorias de stress e de transições críticas, com o intuito de apresentarem um novo modelo de desenvolvimento familiar que enfatize os precipitantes das transições, as fases críticas de transição, os processos de reorganização familiar e as mudanças de papéis que se dão na estrutura familiar.</p> <p>Os autores começam por descrever o modelo proposto por Duvall e Hill em 1948, visto esse ser o sistema de classificação mais utilizado na sociologia. De seguida, apresentam algumas críticas e algumas vantagens em utilizar o modelo de desenvolvimento familiar tradicional. Um dos maiores problemas apontado pelos autores relaciona-se com a maioria dos estudos se focar nas fases e não nas transições entre fases, podendo conduzir a algumas limitações. Outro problema consiste nestas abordagens não lidarem com mudanças idiossincráticas na família, dando uma visão restrita do sistema familiar.</p> <p>Mederer e Hill abordam a Teoria do Stress Familiar e a Teoria do Desenvolvimento Familiar e mostram de que forma estas abordagens se relacionam.</p> <p>Os autores descrevem o modelo ABCX criado por Hill para conceptualizar a reação a fontes de stress. A (evento stressor) interage com B (a crise familiar e os respectivos recursos), que interage com C (significados que a família atribui ao evento), produzindo X (a crise).</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
10	Critical Transitions Over the Family Life Span	Mederer, H & Hill, R.	Marriage & Family Review	1983	Qualitativo	<p>(Cont.) Para Hill, a família passa por um período de desorganização enquanto se tenta reestruturar e encontrar um novo equilíbrio. Esse equilíbrio pode ser mais alto ou mais baixo do que o nível de equilíbrio anterior.</p> <p>De seguida, Mederer e Hill apresentam o modelo de duplo ABCX criado por McCubbin e Patterson. Este modelo é uma adaptação do modelo de Hill, na qual consideram que podem ocorrer eventos stressores adicionais que vão afectar a adaptação da família ao factor stressor inicial. Este modelo ainda tem em conta não só os recursos actuais da família, mas também os recursos prévios, as percepções e julgamentos pós-crise, as consequências e o grau de adaptação.</p> <p>Os autores falam nos contributos de Rhona Rapoport para a Teoria de Transições Críticas, com o seu trabalho sobre crises familiares normativas e sobre estrutura familiar, que clarifica o processo de transição e de ajuste entre fases do desenvolvimento familiar.</p> <p>Os autores descrevem o modelo de transições entre fases proposto por Hill e finalizam o artigo propondo a utilização de métodos de observação para estudar o desenvolvimento familiar., pois consideram que os dados obtidos apenas através das famílias não são suficientes nem objectivos.</p>
11	More young adults are living with their parents: who are they?	Glick, P. C. & Lin, S.-L.	Journal of Marriage and Family	1986	Quantitativo	<p>A partir dos censos anuais, Glick e Lin estudaram as características demográficas dos jovens adultos que residem com os pais em 1980.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
11	More young adults are living with their parents: who are they?	Glick, P. C. & Lin, S.-L.	Journal of Marriage and Family	1986	Quantitativo	<p>(Cont.)Algumas das características estudadas foram: a diferença de idades, a diferença por raça e origem latina e as diferenças pelo estatuto conjugal, pela actividade principal e pela fertilidade.</p> <p>Segundo os autores, houve um aumento recente de jovens nessa situação, que se pode explicar por diversos factores: alguns ficam na casa dos pais enquanto completam sua educação, outros voltam a morar com os pais quando perdem o emprego, se divorciam ou se tornam pais solteiros.</p>
12	Family Development and the Life Course: Two Perspectives on Family Change	Aldous, J.	Journal of Marriage and Family	1990	Qualitativa	<p>Aldous faz uma avaliação da abordagens do desenvolvimento familiar e da abordagem de curso de vida no estudo das mudanças que se dão na família ao longo do seu desenvolvimento.</p> <p>A autora começa por fazer uma breve descrição de cada uma das abordagens e discute alguns dos estudos que seguem essas abordagens, mostrando os principais problemas que surgem do ponto de vista da investigação.</p> <p>Aldous conclui que as duas abordagens são importantes e se complementam. Quando se opta por utilizar apenas uma das abordagens, torna-se difícil fazer generalizações, uma vez que existem demasiadas variáveis individuais a afetar as mudanças que se dão nas famílias.</p>
13	The family life cycle: impressions	Framo, J. L.	Contemporary Family Therapy	1994	Qualitativa	<p>Framo descreve as experiências familiares quotidianas pelas quais a maior parte dos indivíduos passa. De forma a tornar o conteúdo perceptível a qualquer pessoa, o autor utiliza uma linguagem comum e humorística.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
13	The family life cycle: impressions	Framo, J. L.	Contemporary Family Therapy	1994	Qualitativa	<p>(Cont.) Segundo o autor, ao longo dos séculos todas as sociedades prescreveram rituais ou ritos de passagem para lidar com a dor da mudança em cada fase do CVF. Cada fase é sentida pelo sistema como um choque, uma vez que: os papéis têm de ser transferidos; os valores reorientados; o estatuto das posições ocupadas na família desloca-se; tem de se lidar com a perda e o luto; e as necessidades têm de ser satisfeitas através de novos meios.</p> <p>O autor descreve um modelo de CVF constituído por 6 fases, elaborado a partir da sua experiência pessoa e profissional e da experiência dos seus amigos. A primeira fase começa com o lançamento do jovem adulto e Framo descreve os incidentes típicos que ocorrem à medida que as pessoas se casam, têm filhos, envelhecem e morrem.</p>
14	Re-visioning the family life cycle theory and paradigm in marriage and family therapy	Erickson, M. J.	The American Journal of Family Therapy	1998	Qualitativa	<p>Erikson começa por dizer que a pesquisa e a prática clínica respeitantes às teorias de curso de vida e de desenvolvimento familiar têm sido dominadas pelo paradigma do CVF.</p> <p>O autor discute alguns dos problemas na adopção do paradigma no contexto da terapia familiar e conjugal: o paradigma não tem fundamentação; o conceito é elaborado a partir de comparações deficitárias e é prescritivo; o conceito marginaliza e desqualifica as experiências de vida das mulheres; o conceito procura manter um certo status quo (foi criado na década de 50 e mantém algumas das ideias da época); o paradigma falha na incorporação dos contextos cultural e histórico.</p> <p>De forma a reavaliar o conceito de CVF na terapia familiar, Erikson segue as seguintes abordagens: Nova Teoria de Acção, Metáforas Narrativas e Relatos Narrativos da Vida.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
14	Re-visioning the family life cycle theory and paradigm in marriage and family therapy	Erickson, M. J.	The American Journal of Family Therapy	1998	Qualitativa	<p>(Cont.) Segundo Erikson, a Nova Teoria de Acção foi influenciada pela corrente feminista e vê as pessoas como produtoras ou criadoras das suas condições de vida dentro do seu contexto e ambiente social. A teoria considera que as pessoas lutam por criar uma vida melhor para si e para a sua família e rejeita a visão da família como sendo deficitária ou como tendo falhado no cumprimento de normas ou em lidar com mudanças.</p> <p>Ao falar nas Metáfora Narrativas, o autor explica que essa abordagem nos encoraja a adaptar a visão de que fazem parte da nossa vida as histórias que construímos sobre nós, as nossas relações e as nossas vidas.</p> <p>Relativamente aos Relatos Narrativos, Erikson explica que tal como as Metáforas Narrativas, esta abordagem analisa a produção de significados. Os Relatos não procuram padrões universais, mostram antes interesse na diversidade e no pluralismo das histórias das famílias.</p> <p>As duas abordagens opõem-se a relatos objectivos ou empíricos, dando valor à singularidade e às habilidades das pessoas e das famílias.</p> <p>Uma vez que a maior parte das teorias da terapia familiar se baseia em grande parte no paradigma de CVF, Erikson encoraja os terapeutas familiares a explorarem os valores inerentes a diferentes teorias da terapia familiar, de forma a poderem exaltar as mais consistentes com os seus valores pessoais e criar a sua própria teoria. Para o efeito, o autor deixa algumas questões sobre as quais os terapeutas devem reflectir.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
15	Pulling on the heart strings: na emotionally focused approach to family life cycle transitions	Dankoski, M. E.	Journal of Marital and Family Therapy	2001	Qualitativa	<p>Dankoski resume brevemente a terapia focada nas emoções (TFE) e demonstra como ela pode ser aplicada em cada etapa do CVF.</p> <p>Segundo a autora, a TFE é uma combinação da terapia experiencial e da terapia sistémica. Na TEF existe um foco na experiêncis emocional de cada um dos cônjuges e no modo como as interações entre eles se organizam e padronizam. O objectivo é reorganizar o vínculo de ligação do casal, acedendo a e validando as emoções subjacentes às posições tomadas por cada parceiro.</p> <p>Dankoski apresenta o modelo de Carter e McGoldrick constituído por 6 etapas e ilustra cada uma com um caso.</p> <p>A autora conclui que durante a transição entre fases do CVF somos confrontados com mudanças que implicam uma revisão dos nossos vínculos afectivos. Manter uma perspectiva de CVF pode ajudar na fase de avaliação da TFE ao providenciar hipóteses iniciais sobre as experiências emocionais dos membros da família. Além disso, ao utilizar a perspectiva de CVF normalizam-se as dificuldades dos indivíduos e das famílias nos seus relacionamentos ao longo do tempo.</p>
16	Rethinking family development theory: teaching with the Systemic Family Development (SFD) Model	Laszloffy, T. A.	Family Relations	2002	Qualitativa	<p>Segundo Laszloffy, as teorias sobre desenvolvimento familiar têm contribuído muito para os estudos sobre a família, mas apresentam dois pontos fracos conceptuais: a assumpção de universalidade e o foco em apenas uma geração. O modelo de desenvolvimento familiar sistémico (MDFS) surge como uma alternativa holística, ao ver a família como mais do que a soma de todas as partes que a constituem.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
16	Rethinking family development theory: teaching with the Systemic Family Development (SFD) Model	Laszloffy, T. A.	Family Relations	2002	Qualitativa	(Cont.) A autora decreve o MDfS e considera-o útil pois ele: providencia uma maneira única de pensar os estudos sobre a família ao colocar a ênfase na evolução das famílias ao longo do tempo; reconhece a existência de tarefas desenvolvimentais que devem ser cumpridas pelas famílias e pelos seus elementos; reconhece a existência de fontes de stress na família em períodos críticos do seu desenvolvimento. Estas perspectivas permitiram que os especialistas em família as percebessem e tivessem forma de trabalhar com elas, ao fazer-se a distinção entre comportamentos normativos e disfuncionais.
17	The utility of family life cycle as a theoretical and empirical tool: commitment and family life-cycle stage	Kapinus, C. A. & Johnson, M. P.	Journal of Family Issues	2003	Quantitativa e qualitativa	<p>Kapinus e Johnson analisaram a utilidade do CVF como variável dependente para estudar o compromisso conjugal.</p> <p>Os autores utilizaram os dados de uma amostra nacional de 1980. Foram realizadas entrevistas por telefone a 2033 sujeitos casados. Os agregados familiares e os respondentes foram selecionados aleatoriamente. e desses apenas participaram pessoas com 55 anos ou menos. O entrevistado mais novo tinha 16 anos. O número de anos de casamento variava entre menos de um ano e 38 anos, sendo 12 anos tempo médio da duração do casamento.</p> <p>Uma vez que só se pretendia estudar indivíduos que estivessem no primeiro casamento, a amostra inicial acabou por diminuir para 1528 entrevistados. A idade média dos entrevistados era 34 anos.</p>

Quadros de Síntese de Discussão dos Resultados

Nº	Título	Autores	Publicação	Ano	Metodologia do artigo	Síntese do artigo
17	The utility of family life cycle as a theoretical and empirical tool: commitment and family life-cycle stage	Kapinus, C. A. & Johnson, M. P.	Journal of Family Issues	2003	Quantitativa e qualitativa	(Cont.) Os autores concluíram que o CVF permite estudar o compromisso conjugal, ao haverem alterações no compromisso conjugal que são explicadas pelas diferentes fases nas quais se encontram os casais.
18	Applying family life cycle concepts in psychological practice with children and young people	Golijani-Moghaddam, N.	Applied Psychological Research Journal	2014	Qualitativa	<p>A autora descreve a utilidade do conceito de CVF e das transições normativas entre fases para a compreensão e intervenção psicológica no trabalho clínico com crianças e jovens adolescentes.</p> <p>Golijani-Moghaddam começa por definir os conceitos de CVF e de transição normativa, ao utilizar o modelo de 9 fases de CVF proposto por Duvall e Hill e o artigo escrito por Barnhill e Longo no qual os autores falam nas transições normais entre as fases.</p> <p>A autora alega que os conceitos são úteis para a prática clínica quer se siga uma abordagem cognitivo-comportamental, dinâmica, ou familiar sistémica.</p>
19	Beyond the family life cycle: understanding family development in the twenty-first century through complexity theories	de Melo, A. T. & Alarcão, M.	Family Science	2014	Qualitativa	<p>de Melo e Alarcão começam por dizer que as perspectivas do desenvolvimento familiar têm sido organizadas à volta da ideia do CVF. Contudo, essa abordagem é demasiado simplista e linear e o seu conteúdo é prescritivo tendo em conta a diversidade de formas de família e desafios existentes.</p> <p>As autoras resumem a emergência da Ciência Complexa e os seus contributos para a investigação do desenvolvimento familiar, a emergência de um sistema chamado família e a complexidade de um sistema familiar.</p> <p>de Melo e Alarcão concluem o artigo propondo que se utilizem os contributos teóricos e metodológicos das Ciências Complexas para estudar e compreender o desenvolvimento familiar.</p>